

revista da cultura

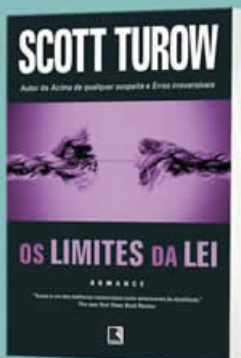
edição 7

uma publicação da Livraria Cultura



*Angeli fala de seu trabalho, sua vida e novos planos • Novos milionários derrubam símbolos de status
Porto Alegre inspira a produção cultural de gerações • A Bíblia e sua estrutura de romance*

Lançamentos selecionados para você



Os limites da lei

Scott Turow

R\$ 29,00 + cultura R\$ 23,20

Maior nome da literatura de tribunal norte-americana, Turow traz de volta os personagens George Mason (*Ofensas pessoais*) e Rusty Sabich (*Acima de qualquer suspeita*). Em *Os limites da lei*, um episódio de abuso sexual ressuscita antigos fantasmas na vida de Mason, agora juiz da Corte de Apelações.

"Scott Turow estabeleceu novos padrões para o thriller jurídico, mais notavelmente na profundidade e sutileza de suas caracterizações... O tipo de prazer que apenas os melhores romancistas – deste ou de outros gêneros – podem proporcionar." – *The New York Times*



O chá-de-bebê de Becky Bloom

Sophie Kinsella

R\$ 50,00 + cultura R\$ 40,00

Novo livro da irresistível gastadora Becky Bloom, que agora está grávida. Mais um sucesso da série que teve início com *Os delírios de consumo de Becky Bloom* e conquistou mais de 8 milhões de leitores em todo mundo.



A chave de casa

Tatiana Salem Levy

R\$ 32,00 + cultura R\$ 25,60

Romance de estréia da jovem autora que, lançado em Portugal no primeiro semestre de 2007, foi sucesso de crítica. "(...) a estreante Tatiana Salem Levy chega, neste *A chave de casa*, ao ponto que muitos almejam e bem poucos alcançam: condensar o jorro da memória e transformá-lo em literatura." Cíntia Moscovich.

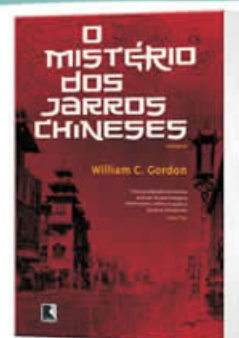


O caminho dos ingleses

Antonio Soler

R\$ 40,00 + cultura R\$ 32,00

O universo dos primeiros amores, o sexo, as obsessões e os conflitos é o palco em que o espanhol Antonio Soler apresenta as vidas de personagens fascinantes. Vencedor do Prêmio Nadal 2004. Adaptado para o cinema sob a direção do ator Antonio Banderas.



O mistério dos jarros chineses

William C. Gordon

R\$ 35,00 + cultura R\$ 28,00

Uma trama complexa centrada em Chinatown que liga a morte misteriosa de um milionário a uma loja que aluga antigos jarros chineses onde seus clientes depositam documentos e valores. Estréia de William C. Gordon – marido de Isabel Allende – na literatura com uma arrebatadora história policial.



Meu monstro de estimação

Dick King-Smith

R\$ 21,00 + cultura R\$ 16,80

Um animal de estimação perfeito se não ficasse maior e mais faminto a cada dia... Uma visão original de uma das lendas mais fascinantes de todos os tempos. Livro que deu origem ao filme que estréia em fevereiro.



www.record.com.br



www.galerarecord.com.br

Viagem literária da Cultura começa pelos pampas

Caros leitores,

Nesta edição da Revista da Cultura você vai ler a primeira de uma série de reportagens sobre autores e obras relacionados às cidades nas quais a Livraria Cultura está instalada. Começaremos esse passeio literário por Porto Alegre, onde estamos desde 2003. A loja gaúcha foi a primeira filial da Livraria fora de São Paulo. Aliás, quero aproveitar para agradecer os gaúchos – e os pernambucanos e brasilienses também – pela carinhosa recepção e pelo apoio que sempre nos deram. Bom, na edição de março, vamos falar de Recife, depois de São Paulo, Brasília e Campinas, respectivamente. Você deve estar se perguntando: Campinas? Pois é, nossa sétima loja será inaugurada no início de abril nessa cidade.

Boa leitura! Abraço,
Pedro Herz

ENTREVISTA	pág. 4	MINHA LISTA – CDS	pág. 25
Angeli		Fernando Campana	
<i>O cartunista que traduz o que a gente quer dizer</i>		<i>O designer faz sua seleção especial de discos</i>	
COMPORTAMENTO	pág. 10	PALAVRA DE ESPECIALISTA	pág. 26
Loucura na literatura		Milionários	
<i>Escritores e personagens que perderam a cabeça</i>		<i>Conheça os yawns, os ricos que não querem aparecer</i>	
GENTE QUE FAZ	pág. 14	MINHA LISTA – DVDS	pág. 28
Cultura por aí		Guga Stroeter	
<i>Clientes contam o que compraram e por que</i>		<i>Músico e produtor, Guga lista seus filmes favoritos</i>	
ACONTECE NA CULTURA	pág. 16	LÍNGUA PORTUGUESA	pág. 31
Avant-première		Eduardo Martins	
<i>Lançamento e making of do filme O signo da cidade</i>		<i>Você tem approach? Então leia sobre estrangeirismos</i>	
ACONTECE NA CULTURA	pág. 17	RESENHA	pág. 32
Fatos e Eventos		Narrativa bíblica	
<i>Show, lançamentos, palestra e curiosidades</i>		<i>A estrutura dos textos da Bíblia desafia os leitores</i>	
HISTÓRIAS DAS CIDADES	pág. 20	CURIOSIDADES	pág. 36
Porto Alegre		Dicionários de filosofia	
<i>A capital gaúcha cantada em verso, prosa e rock</i>		<i>Dois livros que nos ajudam a entender os pensadores</i>	

CAPA ilustração de Daniel Bueno

revista da cultura

Direção geral Pedro Herz **Coordenação** Milena Tincani e Thais Arruda **Direção executiva** Morris Kuchani e Ricardo Feldman **Chefia de redação** Cássia Fragata
Edição Sérgio Miguez e Cristina Ramalho **Projeto gráfico** Eduardo Foresti **Direção de arte** Carol Grespan **Diagramação** Ana Marconato **Produção** Juliana Calderari e Milena Pereira **Revisão** Marta Almeida de Sá e Mirian Paglia Costa **Publicidade** milena@livrariacultura.com.br **Colaboradores** Abel Fragata, Agueda Macias de Oliveira, Daniel Bueno, Eduardo Martins, Fabrício Carpinejar, Gabriel Gianordoli, Heidi Strecker, Mamiel da Costa Pinto, Mara Luquet, Melissa Haidar, Moacir Amâncio, Tânia Meinerz **Agradecimentos** Angeli, Carol de Carvalho, Fernando Campana, Guga Stroeter, Pedro Hauze Filho/ RBS Publicações, Timbro Editora
Produção gráfica Elaine Beluco **Pré-impressão** Aquarela **Impressão** IBEP Gráfica **Jornalista responsável** Morris Kuchani (MTB 29.261)
 Tiragem 22 mil exemplares. Preços sujeitos a alteração sem prévio aviso.
 Os preços promocionais para associados do + Cultura são válidos de 11/02/2008 a 7/03/2008
 Revista da Cultura é uma publicação mensal da Livraria Cultura S.A., editada pela Editora Livre.
 Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução sem autorização prévia e escrita.
 O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade dos respectivos anunciantes. Todas as informações e opiniões são de responsabilidade dos respectivos autores, não refletindo a opinião da Livraria Cultura.



Editora Livre
 Rua Mourato Coelho, 1223
 05417-012 – São Paulo, SP
 Telefone: (11) 3819-3939
 www.editoralivre.com.br

O grande tradutor



Uma cena, uma frase, um jeito no cabelo do personagem, e Angeli faz a gente entender, pelo riso, tudo o que deve ser dito

Cristina Ramalho e Sérgio Miguez



Angeli tinha uns 15 anos quando caiu em suas mãos uma biografia de Van Gogh. Na época, começo da década de 1970, a Editora Abril publicava em fascículos a coleção *Mestres da Pintura*. Diante da reprodução do quadro *O Comedor de Batatas*, Angeli olhava os traços, lia as histórias do pintor atormentado, espiava o quadro outra vez. Cada detalhe na tela anunciava um mundo novo. Para o garoto paulistano que saiu da escola depois de repetir três vezes a 5ª série e achava o universo que cabia no bairro da Casa Verde de uma monotonia atroz, ali estava a graça da vida: observar, ler, descobrir sozinho como as coisas transbordam de sentido, traduzir tudo do seu jeito. Assim tem sido até hoje: Angeli presta uma atenção danada em uma imagem, em uma pessoa, em um livro, e daí desenha com precisão o que cada um de nós gostaria de dizer.

“Não tenho método, vou lendo e aprendendo com o que aparece”, diz o cartunista autodidata, 51 anos, um sem-número de prêmios, revistas, livros, filme, um punhado de personagens que a gente conhece intimamente como se fossem amigos nossos. A Rê Bordosa, o Orelha, Wood & Stock, os Skrotinhos (ao lado), o Walter Ego, tipos que em uma frase, no jeito do cabelo, já revelam o absurdo de levar a vida muito a sério.

Desenhar, Angeli desenha desde pequeno, um talento natural da família de italianos típicos, boas mãos para a pintura, mas que a necessidade empurrou para o trabalho duro. Seu pai tinha uma oficina de carros, e o filho famoso, que nunca aprendeu a dirigir e também não deu certo como coroinha, percebeu logo que seu negócio era outro. Fez cartum para a revista *Senhor*, depois para o *Pasquim*, engajou-se em movimentos estudantis – “Eu não gostava muito, mas fazia um tipo”, brinca, cheio de charme, nesta entrevista para a *Revista da Cultura*, no seu escritório no paulistano bairro de Higienópolis – e desde 1973 publica seus traços diários nas tiras e na página 2 da *Folha de S. Paulo*. Um poder de síntese capaz de imagens sensacionais, como quando a turma do Bin Laden explodiu as Torres Gêmeas em Nova York (veja na página 6). Angeli fez a casa caindo, seu rosto espantado e a frase que cabia na boca do mundo: “No comments”.

Ele não se prende às notícias para escolher um tema, intui o desenho, cuida de detalhes que talvez nem apareçam. “Sou virginiano, pego um detalhezinho e capricho horas.” No dia seguinte, o

leitor abre o jornal, escancara um sorriso, mostra a charge para o amigo, que vai mostrar para mais gente, o riso se espalha... Angeli, como sempre, acertou em cheio.



"Um dia, falei do Lula e acharam que eu era tucano. No dia seguinte, eu fui lá e fiz charge com os tucanos, aí falaram que eu estava despistando"



11 DE SETEMBRO: A charge que traduziu o sentimento de milhões de pessoas

É fácil reconhecer nos seus personagens figuras que a gente conhece ou um pouco de todos nós. Como você cria essa identificação imediata? Acho muito legal quando pego um táxi, e o taxista diz: "Te conheço de algum lugar. Você é aquele cartunista?". Ele sabe o nome do personagem, mas não sabe o nome do cartunista. Pra mim, valeu, o personagem grudou. A sofisticação está na forma como eu construo o personagem. Se estou lendo Baudelaire, por exemplo, e de uma frase dele eu tenho uma idéia, procuro dar uma volta até chegar num ponto em que eu não precise citá-lo. Quando vejo que tem alguma frase ali que poucos leitores vão entender, já acho que tem algum ruído na idéia. Na charge também, ninguém precisa ter lido o jornal naquele dia para entender o que estou dizendo.

Você costuma se vingar de pessoas nas tiras, tipo alguém que te trata mal na rua e você coloca nas charges? Ah, claro. Tenho uma série chamada *Dois coisas que eu odeio e uma que eu adoro*. Geralmente, tem pessoas que eu não gosto lá no meio. São pessoas comuns, pessoas que eu vi sentadas no shopping ou gente de uma comunidade que fala mal sobre o meu trabalho no Orkut. Mas, se eu sei a cara do sujeito, evito colocar. Pego o comportamento, porque também não quero que o cara fique feliz de ter promoção, né?

E a charge do dia, como nasce? Como leio o jornal todo dia, sei mais ou menos o caminho que as coisas estão tendo. Por exemplo, quando sei que está para sair um pacote econômico, já trabalho pensando nisso. De preferência, eliminando a caricatura. Eu faço quando vira um logotipo, tipo o Lula. Mas de "ministinho", subsecretário, eu não faço nada. Porque o leitor vai olhar e não vai reconhecer. O meu interesse na charge é comentar o sistema político. Por exemplo, se estourou um esquema de corrupção, é uma cultura que começou há muito tempo, lá na época do Império, e vem se arrastando. Então, eu vou pegar a cauda desse monstro da corrupção e vou mexer com o monstro, não vou mexer com o Renan. O Renan, para mim, é um palhacinho que está aí.

O jornal também pauta você? Não, por incrível que pareça. E estou na *Folha* desde 1973 e desde 1975 faço charge. O espaço da charge era meio aberto, às vezes eles publicavam charges de jornais americanos, outras vezes, fotos. O Cláudio Abramo, quando dirigia a *Folha*, falou que queria um chargista, e eu que oficializei aquele espaço. Em seguida, comecei a dividir esse espaço com o Luiz Gê. O Glauco entrou depois. Até 1982, eu fiz charge, daí achei que era uma roubada, porque era a época da ditadura, e,

por exemplo, o Delfim Netto estava virando um personagem engraçado... Daí, pensei: "Não posso fazer isso, porque no fim está ajudando o Delfim..." Então, achei que era hora de fazer humor de comportamento. A minha intenção era falar da trínca sexo, drogas e *rock'n'roll*, da noite, de bar, e isso para mim era mais político do que falar de política. Fiquei dez anos afastado da charge por causa disso. Quando retomei, o país já tinha eleições diretas.

Tem gente que reclama das charges?

Aconteceu há pouco tempo, no blog do Josias. Ali são republicadas as charges da *Folha*, e tinha um grupinho de comentaristas nos fóruns que pegavam no meu pé. Um dia, falei do Lula e acharam que eu era tucano. No dia seguinte, eu fui lá e fiz charge com os tucanos, aí falaram que eu estava despistando. Então, comecei a dar rodopios na cabeça deles, porque na hora que eles pensavam que eu ia para um lado eu ia para o outro. Sempre me lembrava daquela música do Caetano (*O quereres*) que diz: quando você me quer alguma coisa, eu sou outra.

Você dá mais risada das coisas ou as coisas te irritam mais?

As coisas me irritam, daí dou risada da minha irritação. Sou muito irritado. Eu me irrita de ver as pessoas comendo, do jeito que mastigam. O pior é que gosto

disso (risos). Gosto de me irritar. Quando estou comendo em algum lugar com o meu amigo Laerte e fico olhando em volta, ele me olha e diz: "Já escolheu a vítima?"

Você parece solto, bem-humorado, o Laerte, mais tímido, é isso? Sou solto só às vezes, não sou festivo. Já o Laerte é um sujeito que "umbiga", que vai mais para o umbigo dele, que é introspectivo. Ele fez várias coisas. Fez música, arquitetura, mas também não se formou em nada. Ele é minha referência. E entre os cartunistas paulistas, e até os cariocas, o Laerte é uma referência. Às vezes, ele nem percebe, mas dá um jeito em alguma coisa que eu estava pensando e não conseguia solucionar. Ele me tem como referência também para outro lado. O Laerte tem método, é um cara que devia ler Baudelaire aos 11 anos. Ele tem uma formação ordenada. A minha é caótica. Na amizade, um completa o outro.

Você fez faculdade? Não. Sou autodidata completamente.

Até que ano você estudou? Nunca tive uma boa relação com a escola. A escola onde eu estudei era um barracão. Foi antes dos prédios que a ditadura construiu para os colégios. Quando entrei, de cara avistei a saída, mas a professora me chamou e me fez sentar. Fui expulso no quarto ano primário. Fui para uma escola da prefeitura que parecia o sindicato do crime. Quando entrei lá, fiquei até com medo. Ficava só brincando na rua. Matava aula, repetia por falta... Consegui entrar no ginásio. Mas, da minha casa até o colégio, passava por muitos campinhos e acabava ficando ali com a garotada, brincando. Fiz três vezes a primeira série ginasial. Como repeti várias vezes, fui jubilado e mandado embora do colégio na terceira série ginasial (a 7ª série hoje).

Você já gostava de desenhar? Já, já fazia o *Pasquim*, já queria ser cartunista. Estava montando o meu berço ali. Era época da ditadura pesada, o diretor do colégio era um general. Nós tínhamos que fazer todas aquelas coisas do "sete de setembro", cantar o hino com a mão no peito e tal. Eu conversava com os meus amigos, futuros esquerdistas mirins. Eu já não concordava com aquilo, não dava mais. Ai publiquei o primeiro desenho na revista *Senhor* e em seguida no *Pasquim*.

Seus pais não reclamaram? Não muito. Não gostaram da idéia, mas sou filho de uma família de trabalhador braçal. Diziam frases do tipo: "Esse menino não dá para estudar, tem que trabalhar". Então, eu utilizei essa brechinha na lei para poder ficar na minha. Tinha aquela coisa do livro da moda, na época do Hermann Hesse. Todo *hippie*, *pré-hippie* ou *pós-hippie* lia *Lobo da estepe*, *Siddharta*... E ninguém tinha dinheiro, um lia e emprestava para os outros. Lia em conjunto, tinha a sessão de leitura. Eu achava meio sacal, não gosto muito de sarau. Gente tocando violãozinho para todos em volta ouvirem, eu odeio isso. E o *Pasquim* me sinalizou vários caminhos. Por exemplo, o Paulo Francis citava um autor, eu ia lá e lia ou procurava ler mais a coluna para ver se ele explicava melhor quem era o tal cara. Ficava ciscando.

Como você foi parar na *Senhor*? Eu conhecia vários cartunistas que estavam começando, e quando aparecia uma "boquinha" um avisava o outro. Meu desenho era

ruim, ainda estava tentando pegar a manha da coisa, mas eles publicaram. Não pagaram.

Você já sabia que seria sua profissão?

Sabia. Na verdade, eu fiquei oscilando. O desenho foi um porto seguro, sou de uma família de desenhistas. Minha irmã tem mão para desenho, meu pai também, coisa de italianos. Tenho um tio que é um "puta" desenhista. Daqueles de fazer reprodução perfeita, de pegar um Rembrandt e fazer uma cópia. Ele era relojoeiro. Então, o desenho era uma linguagem que eu poderia usar a qualquer momento. Mas, na minha geração, qual moleque não queria ter uma banda de *rock*? Eu brinquei de tocar alguma coisa na percussão. Meu avô era músico também, mas comigo não deu muito certo.

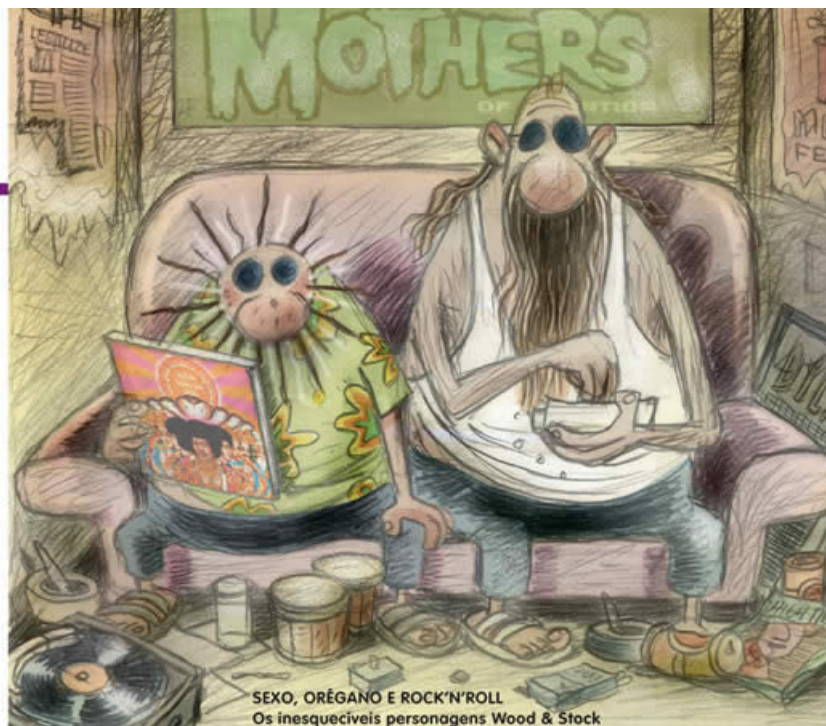
Você tem escritores prediletos, que marcaram sua vida? Tem um cara que me influenciou bastante, que é o Bukowski. O comportamento *beatnik* tem muito a ver com o meu trabalho. Mas outro dia dei uma



RÊ BORDOSA
Para a revolta dos fãs, ela já não está mais entre nós

folheada e comecei a achar tão ruim... Se você tiver um olhar mais apurado sobre o texto, vai perceber que ele estava bêbado naquele momento e ficou com preguiça de terminar a frase. Esses autores que são meio "bukowskianos" aqui no Brasil, por exemplo, João Antônio, Wander Piroli, são autores da noite, escritores que falam da marginalidade. Sempre tive uma queda por eles.

E nos cartuns? Sempre gostei da minha época, mas sempre procurei me encantar também com as coisas de outras épocas. Saiu um livro há pouco, uma coletânea de cartuns da *New Yorker* (*Complete cartoons of the New Yorker*), que é a grande revista para cartunistas... Tenho coisas desde os anos 1800. Não consigo fazer um traço sem lembrar da história.



“As coisas me irritam, daí dou risada da minha irritação. Eu me irrito de ver as pessoas comendo, do jeito que mastigam. E gosto disso”

ria toda do humor brasileiro. Tenho muita influência do Amigo da Onça. Adoro o pessoal do antigo *Pasquim*, o Millôr, o Ziraldo. O Ziraldo é o único cara que faz humor a favor.

Saiu agora em DVD o filme *Sexo, Orégano & Rock'n'roll*, baseado nos seus personagens. O que achou dele? Adorei. Foi um filme feito em dez anos, demorou tanto para ficar pronto... Eu noto um monte de defeitos no roteiro. Mas o retorno é bom, fiquei muito feliz. Fui ao lançamento em Recife e dei muita risada. A plateia estava lotada. Rita Lee, que aceitou fazer a Rê Bordosa, porque recordava a vida dela, fez muito bem. No roteiro que fizeram, a Rê Bordosa ria muito, mas na verdade ela não ri, ela só mexe os dentes, então dei esse toque, mas não participei do filme de fato.

Depois de pronto, me arrependi de não ter participado. Teve crítica falando mal, mas não falando mal demais.

Tem uma tira sua que diz: “Eu não gosto mais de drogas, eu tô fazendo charge, não faço quadrinho, eu tô ouvindo jazz, acho que tô ficando velho”. O que você, tão roqueiro, está ouvindo agora? Tem dias que não gosto de escutar música, e em outros é fundamental. Ouço para desenhar também. Sou capaz de ir do *hip-hop* mexicano para o *jazz* clássico e depois passar de repente para um *Jamelão*. O *Jamelão* acho que é quando eu estou meio carrancudo mesmo (risos).

Você mudou muito com a idade? Acho que agora ouço mais, critico menos. Tenho

um olhar mais paciente antes de já sair falando mal. Gosto da delicadeza. Vejo amigos meus, como o Riccelli (o ator Carlos Alberto)... É de uma delicadeza com as pessoas, uma generosidade...

Que idade têm seus filhos? O Pedro, 28, trabalha na TV Cultura e faz música eletrônica. A Sofia, 21, está terminando a faculdade de Educação Física.

E que novidades vêm por aí? Vou terminar um livro com a Rita Lee, tô fazendo um livro infantil com o Leon Cakoff, desenhos da Luke e Tantra para o Cartoon Network. Quero fazer mais um filme de animação, desta vez com roteiro meu, comigo mais presente na produção, e mais umas coisas que ainda não posso contar. ©

MULHERES QUE EU NUNCA TIVE

TOMO II

NOEMI NÃO GOSTAVA DO MEU CHEIRO.



PATRICIA NÃO SUPORTAVA MEUS MODOS.



MANUELA NÃO CONCORDAVA COM MINHAS IDÉIAS.



MIRANDA TINHA CRISES DE NÁUSEAS E VÔMITOS.

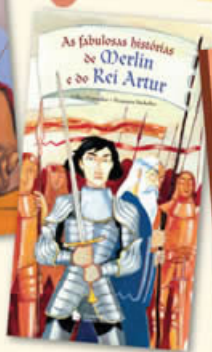




As crianças vão pular de alegria!

R\$ 38,00
cada

preço
+ cultura
R\$ 30,40



HISTÓRIAS FABULOSAS

Esta coleção é composta por histórias fabulosas de heróis e sua coragem para vencer monstros terríveis e obstáculos intransponíveis. São fabulosas porque atravessaram os tempos e se tornaram eternas.

Representam a luta do homem contra as adversidades que o cercam todo o tempo.

LITERATURA UNIVERSAL PARA CRIANÇAS

Venha se encantar com quatro clássicos da literatura: *Fausto*, *Guilherme Tell*, *Romeu e Julieta* e *Sonho de uma noite de verão*. Com capa dura e ilustrações primorosas, as obras vão divertir adultos e crianças!



R\$ 34,00
cada

preço
+ cultura
R\$ 27,20



Companhia
Editora Nacional

Loucos, lunáticos

A loucura ocupa espaço privilegiado na literatura: doidos e alienados, muitas vezes cheios de razão, vão se tornando tipos cada vez mais importantes dentro da galeria de personagens literários. Faça um passeio histórico entre algumas das grandes figuras e os autores que visitaram as famosas terras da insânia

“Se entendermos a loucura como a perda das capacidades racionais ou a falência do controle voluntário sobre as paixões, uma história da loucura deveria começar, praticamente, com a história da espécie humana.” Esta afirmação, que dá uma idéia da onipresença da loucura na trajetória da humanidade, abre o livro *A loucura e as épocas* (infelizmente esgotado), do filósofo e romancista Isaías Pessotti, também autor de *O século dos manicômios*.

O tema, por si só incomensurável, ocupa espaço privilegiado no universo das artes, em especial da literatura. Do *Elogio da loucura* de Erasmo a *Anatomia da melancolia* de Robert Burton, das irônicas maluquices de *Dom Quixote* e Simão Bacamarte à monomania de Bartleby ou das personagens de Beckett, sem falar nos escritores que viveram tormentos mentais (Hölderlin, Nerval, Qorpo Santo, Lima Barreto, Artaud), a insanidade é protagonista de romances, peças teatrais, poemas e ensaios.

Assim como a noção de loucura vai se refinando ao longo do tempo e se desdobrando em subcategorias (demência, psicose, perversão, paranóia,



e desvairados

esquizofrenia etc.), doidos e alienados vão se tornando personagens cada vez mais bem delineados dentro da galeria dos tipos literários. Esse paralelismo não é casual: para ganhar contornos precisos, a loucura supõe a idéia de um indivíduo cuja vida interior está apartada da sociedade; a própria idéia de sujeito, por sua vez, é uma construção cultural que vai gerar, na literatura, um novo tipo de personagem, mais complexo e multifacetado.

Vale lembrar que a imagem de um indivíduo autônomo, senhor de seus atos e suas vontades, com direitos que se devem à posição social conquistada (e não a sua condição natural), começa a ser esboçada no mesmo momento em que surgem os primeiros grandes personagens.

O maior exemplo é Shakespeare, que com sua capacidade de criar personalidades ficcionais ímpares levou o crítico norte-americano Harold Bloom a lhe atribuir a própria "invenção do humano" – ou seja, a fixação daquilo que hoje entendemos por sujeito moderno. Um comentário ao qual poderíamos acrescentar que o bardo inglês também inventa as modalidades modernas de desvario em personagens como Lear e *Macbeth*, ou mesmo na loucura fingida de *Hamlet* (que acaba produzindo alucinações suicidas em Ofélia).

Qual a diferença? Como observa Pessotti, na Antiguidade clássica, a loucura pode

ser vista ora como intervenção direta dos deuses (como ocorre com os personagens de Homero, vítimas da ação de Zeus e das Erinias, ou Fúrias), ora como um conflito passional vaticinado pelos deuses (como nas tragédias de Eurípides). Entre os gregos, há lugar para uma ciência da desrazão, como nas descrições de Hipócrates ou Galeno, mas eles atribuem as anomalias a disfunções somáticas, orgânicas, que não se distinguem claramente de outras afecções do corpo. Da mesma maneira, o enfoque mitológico-religioso da loucura pertence ao âmbito mais geral do conflito entre a paixão e a norma social, que em casos extremos conduz à perda da razão.

BOBOS E DEMÔNIOS

Durante a Idade Média, essa intervenção da fatalidade dá lugar às diferentes formas de endemoniamento presentes nas bruxas ou então à modalidade mais amena do riso dos possessos, cujo emblema é o personagem benfazejo do Bobo. Mas tampouco aqui há lugar para um saber e para um objeto específicos: a loucura é um problema teológico (ou demonológico), como já o era entre os gregos. Desrazão e delírio só se tornam objetos do conhecimento a partir do momento em que passa a existir um sujeito e uma ciência que, não tendo mais uma fá-

bula divina que tudo uniformize e explique, buscam a lei específica de cada evento.

É claro que as rupturas são lentas: assim como os "bobos" sobrevivem nas tragédias e nas comédias renascentistas, na ciência dos séculos 17 e 18 predominam doutrinas estritamente organicistas sobre a loucura (como a iatroquímica, a pneumática e a iatromecânica).

Mas por esse período ocorre uma mudança fundamental no imaginário e no lugar social do insano, descrita de modo magistral por Michel Foucault no parágrafo de abertura de sua *História da loucura*:

"Ao final da Idade Média, a lepra desaparece do mundo ocidental. Às margens da comunidade, às portas das cidades, abre-se como que grandes praças que esse mal deixou de assombrar, mas que também deixou estereis e inabitáveis por longo tempo. Durante séculos, essas extensões pertenceram ao desumano. Do século 14 ao 17, vão esperar e solicitar, por meio de estranhas encantações, uma nova encarnação do mal, um outro esgar do medo, mágicas renovadas de purificação e exclusão."

Antes, havia um diálogo ambivalente entre razão e desrazão – presente na alegoria da Nau dos Insensatos (peregrinos em busca da lucidez, como no famoso quadro de Brueghel) ou no elogio humanista de



Erasmus à sabedoria daqueles que espelham o absurdo do mundo. Agora, há uma exclusão radical e métodos cruéis de confinamento e tratamento, anunciando a cultura dos manicômios e, já no século 19, o saber psiquiátrico.

Uma vez convertida em patologia, a loucura passa a ser um estigma, o símbolo do "não-ser", a cifra do inumano a ser extirpado. "O louco não é mais o insensato no espaço dividido do desatino clássico; ele é o alienado na forma moderna da doença", escreve Foucault.

Nas representações literárias, ocorre um longo percurso que leva da sátira à epopeia interior, do grotesco ao iluminado, do quimérico ao heróico. A estação primeira desse trajeto talvez seja o *Dom Quixote* de Cervantes. É significativo que o livro normalmente tido como o primeiro romance, na acepção atual do termo, tenha sido protagonizado por um fidalgo maluco que, hipnotizado pela leitura de romances de cavalaria, cavalgou pela região de La Mancha, na Espanha seiscentista, investindo contra moinhos de vento nos quais enxergava gigantes fabulosos.

Na forma narrativa, o livro de Cervantes ainda pertence, aparentemente, à tradição dos relatos medievais, com uma justaposição de episódios venturosos. A diferença – e aqui está sua modernidade – é que Cervantes introduz um corte entre o universo imaginado por Quixote e o ambiente miseravelmente destituído de heroísmo pelo qual perambula.

O romance

cervantino não corresponde ainda ao gênero do folhetim, com seus personagens e tramas triviais, próximos ao cotidiano da nova burguesia consumidora de histórias sentimentais, como na tradição inglesa. Mas o fato de criar uma cisão entre a paisagem interior (com devaneios que incidem sobre a ação do personagem) e a paisagem exterior (cujo desencantamento conduz devaneio e ação para o ridículo) anuncia uma nova percepção.

PSICANÁLISE

Tanto é assim que o tema quixotesco da intoxicação pelos livros será retomado, de maneira quase imperceptível, por Flaubert em *Madame Bovary*, romance no qual a protagonista torna-se adúltera após ler folhetins românticos que açodam seus desejos de sair da mediocridade provinciana.

Emma Bovary não é propriamente uma personagem acometida pela loucura. Pertence, antes, a uma tipologia que será consagrada pela psicanálise na qual o neurótico corresponde à normalidade, à disfunção intrínseca ao homem moderno, sempre dividido entre anseios e frustrações.

Isso também é significativo. Entre Cervantes e Flaubert não existem, rigorosamente, personagens "normais" na alta literatura (apenas nos folhetins precursores do entretenimento e dos *best sellers*). O herói moderno é essencialmente a

"consciência infeliz" de seu tempo, segundo a expressão

de Hegel para definir nosso ser cindido da totalidade, aprisionado em si mesmo. Na galeria das psicopatologias da vida cotidiana, portanto, o louco aparecerá muitas vezes como aquele que permite um olhar irônico para as distinções entre normalidade e anormalidade.

Em um mundo desvairado e neurastênico, a sociedade normalizadora e a instituição médica surgem como uma espécie de expiação sádica das regiões de sombra. É esse, de alguma maneira, o veio subterrâneo que percorre obras tão díspares – e afastadas no tempo – como *O sobrinho de Rameau*, de Diderot, ou *O alienista*, de Machado de Assis. O primeiro é um diálogo entre um "eu" filósofo que fala para um "ele" cuja desfaçatez e vileza patológicas mostram o irrealismo das filosofias e da razão diante do desatino do homem concreto, do caráter ingovernável da urbe repleta de delinquentes com identidades instáveis. No relato de Machado, Simão Bacamarte é o psiquiatra cuja volúpia classificatória conduz praticamente toda a população de Itaguaí ao sanatório da Casa Verde – até que um motim vem abrir os portões dessa "Bastilha da razão humana".

A referência ao símbolo da Revolução Francesa remete aqui ao célebre gesto de Pinel, o médico que defendia um tratamento "moral", resgatando a racionalidade residual que mantinha o louco na esfera do humano. Durante a fase do terror, Pinel quebrou as correntes que mantinham os doidos presos no nosocômio de Bicêtre, assinalando uma nova fase da psiquiatria. O otimismo pineliano, entretanto, seria apenas um entreto. No final do século 19, a



A noção de loucura se refina ao longo do tempo e se desdobra em subcategorias

ineficácia do tratamento faz do manicômio um laboratório infernal para experiências corretivas, como a máquina rotatória ou, já no início do século 20, a malarioterapia.

Nesse quadro, o louco expressa duas vivências opostas. De um lado, há o alienado no sentido não apenas mental, mas também social: o louco que se torna objeto de experimentação, que é “coisificado” pelos saberes e pelas instituições. É o caso do soldado Woyzeck, da peça homônima de Georg Büchner, que comete um crime passionnal após as humilhações que lhe são impostas pelo capitão de seu regimento e pelo amante de sua mulher. O verdadeiro tema da peça, porém, é a alienação, representada tanto pela figura do médico que usa Woyzeck como cobaia quanto pelo progressivo mergulho do protagonista nas premonições febris que o conduzem ao assassinato.

Ao exemplo de Woyzeck, soma-se o de Bartleby, o escrivão criado por Hermann Melville que, em um belo dia, passa a responder a todos os apelos de seus colegas de trabalho com a frase “preferia não fazê-lo” – uma fórmula mecânica e obsessiva, assinalando uma reclusão que é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência ao olhar objetivante do outro.

De outro lado, surge uma visão da loucura que aproxima o sofrimento de um estado de beatífica clarividência. É o caso do príncipe Michkin, do romance *O idiota*, de Dostoiévski. Personagem explicitamente

inspirado em Dom Quixote, Michkin é um epilético que, retornando à Rússia após anos de tratamento na Europa, vive um triângulo amoroso e entra em contato com as mais devastadoras paixões humanas. Como o título indica, ele é marcado pela demência e pela fragilidade, mas justamente aí Dostoiévski encontra uma espécie de santidade.

ILUMINADOS

O personagem do escritor russo assinala um grau tão profundo de realismo, de capacidade de registrar as nuances da mente em combustão, que só encontra paralelo em vivências empíricas do transtorno mental.

Quem lê *O idiota* certamente nota as semelhanças físicas e emocionais entre Michkin e Van Gogh – uma semelhança casual (o artista ainda estava no anonimato quando Dostoiévski morreu), mas que pode ser confirmada pela leitura de *Cartas a Théo*, a dolorosa correspondência que o pintor holandês manteve com o irmão enquanto estava internado no asilo de Saint Rémy, no Sul da França.

Monumento literário, as cartas são a expressão de uma mente angustiada com seu próprio naufrágio, mas também um testamento do gênio, que foi um “suicidado pela socie-

dade” – conforme a expressão de Antonin Artaud, ele mesmo um poeta que aproximou a alienação (de que se sabia vítima) da magia negra e dos estados visionários.

Insanos que projetam as fúrias da mente sobre a página escrita não são apenas recorrentes na história da literatura, mas respondem por algumas das mais audaciosas obras de que se tem notícia. São conhecidos os casos de Edgar Allan Poe e Baudelaire (cujas perturbações perceptivas eram potencializadas pelo álcool e pelos opiáceos) ou de esquizofrênicos como Gérard de Nerval e Maupassant, dos quais os textos muitas vezes herméticos encontram na loucura uma nova linguagem (como os sonetos do primeiro ou o relato fantástico *O horla*, de Maupassant, em que a presença de um ser invisível deflagra a demência do narrador).

Também no Brasil, enfim, existem casos de vida e obra amalgamadas pelo desvario: os mais célebres são Qorpo-Santo – pseudônimo do dramaturgo José Joaquim de Campos Leão, que reuniu seus vertiginosos esquetes teatrais na *Ensiqlopédia qorposantense* (segundo sua ortografia particular) – e Lima Barreto – que, além de criar o maluco protagonista de *Triste fim de Policarpo Quaresma* (um nacionalista caricatural que deseja adotar o tupi e o guarani como línguas oficiais), terminou seus dias como indigente, a exemplo dos tantos lunáticos que um dia baixaram nas terras da insânia. ©

Manuel da Costa Pinto

é jornalista, coordenador editorial do Instituto Moreira Salles e colunista da *Folha de S. Paulo*



14 LER PARA SER
GENTE QUE FAZ A CULTURA



Nome: Ana Helena Bischoff
Profissão: Estudante
O que comprou? *Capitão Cueca*, de Dav Pilkey.
"É um livro bem divertido,

muitos amigos meus já leram e, como eu gosto muito de ler, comprei."
Cultura é... "Livro, música, teatro, arte. Tudo o que a gente gosta de aprender."



Nome: Paulo e Jacy Ghirotti
Profissão: Publicitário e dona de casa
O que compraram? A autobiografia do *Eric Clapton* e *Precisamos falar sobre o*

Kevin. "Sou fã do Clapton".
"Sobre Kevin, li uma resenha e fiquei curiosa."
Cultura é... "Um conjunto do que se sabe e se pensa, de informações e hábitos."



Nome: Kemi Bassene
Profissão: Fotógrafo
O que comprou? CDs de música brasileira. "Já estive várias vezes aqui. Comprei mais CDs do que livros."

Cultura é... "São costumes que compartilhamos e que se tornam hábitos específicos. Para haver cultura, é necessário que haja aprendizado e convivência."



Nome: Luisa Wender de Brito
Profissão: Estudante
O que comprou? *A República*, de Platão, e *O Príncipe*, de Maquiavel. "Neste ano, começarei a cursar psicologia

e filosofia, e os livros são para o curso de filosofia."
Cultura é... "Tudo o que a humanidade passou até hoje. Tudo o que foi feito e tudo o que o ser humano transmite."



Nome: Eduardo Froner dos Santos
Profissão: Estudante
O que comprou? *Goosebumps*, de R. L. Stine
"O suspense torna o livro

muito interessante e bom de ler."
Cultura é... "Costumes, comidas e festas típicos de cada local e de todos os povos."



ERRATA: Na edição 4, a foto de Eduardo Melo foi publicada com a declaração do cliente Frederico Toscano. Aqui, a entrevista correta.
Nome: Eduardo Melo
Profissão: Analista de sistemas
O que comprou? CD da ópera *Turandot* de Puccini cantada por Caballé, Sutherland e Pavarotti.
"Porque a gravação é boa."



Nome: Cláudia Joaquim e Milton Sgambatti

Profissão: Professores de matemática e escritores

O que compraram? Os parâmetros curriculares nacionais de matemática, de Rosângela Barreto, e Jogos e atividades matemáticas do

mundo inteiro, de Cláudia Zaslavsky. "Para aprimorar nosso trabalho e reforçar a oficina de matemática que ministramos juntos."

Cultura é... "Educação. Cultura é multidisciplinar. É música, literatura, teatro, lazer, reunião de amigos..."



Nome: Sérgio Perrenoud

Profissão: Engenheiro e diretor de marketing

O que comprou? O CD Quem vai comprar nosso barulho?, do grupo Chicas.

"Descobri aqui o CD das Chicas, um conjunto vocal feminino que conheci num

show em homenagem ao Tim Maia aqui em São Paulo."

Cultura é... "Todo novo aprendizado. É o que traz a novidade, o que acrescenta conhecimento. Na música, é a diversidade, a gente não ficar preso a um ritmo, e se permitir descobrir novidades."

**Leia mais, veja mais,
ouça mais, gaste menos.**

Mais Cultura é o nosso programa de fidelidade. Com ele, você ganha descontos em livros, CDs e DVDs, além de acumular pontos que podem ser usados nas suas próximas compras. Ou seja: você lê mais e gasta menos. Para participar do programa é muito simples: associe-se em qualquer uma das lojas da Livraria Cultura ou pelo site www.livrariacultura.com.br.

+cultura
livraria cultura



Casal 20

***O signo da cidade* teve lançamento nacional na Cultura**

Bruna Lombardi e Carlos Alberto Riccelli estiveram no Teatro Eva Herz, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, em São Paulo, para o lançamento do filme *O signo da cidade*. O evento teve a projeção do *making of* e um debate sobre o novo longa, com roteiro de Bruna (publicado pela Imprensa Oficial do Estado, Coleção Aplauso) e direção de Riccelli. A obra traz um elenco de estrelas com a metrópole paulista ao fundo. Na história, Gil (Malvino Salvador) é casado, mas está solitário. Lydia (Denise Fraga) gosta de se arriscar. Josialdo (Sidney Santiago) nasceu para ser mulher. Mônica (Graziella Moretto) é interesseira e quer apenas se dar bem. Todos ouvem o programa noturno de rádio da astróloga Teca (Bruna Lombardi), que lida com os anseios de seus ouvintes e seus próprios problemas. Já nos cinemas, confira!

“Pensar que cada destino é único, como a nossa impressão digital. Não existem dois iguais”

frase da personagem Teca, vivida pela atriz Bruna Lombardi

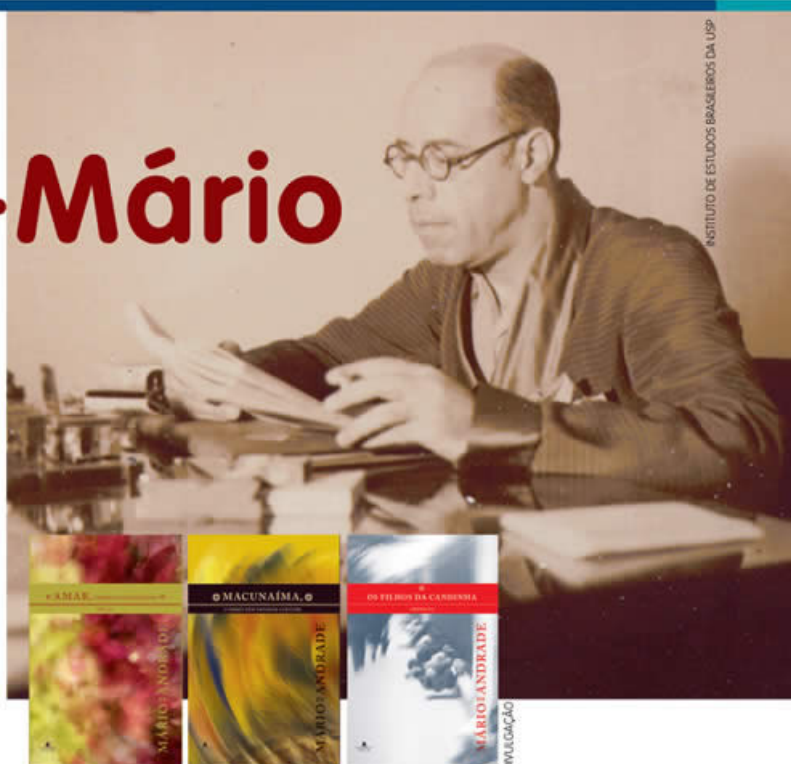


NO ESCURINHO DO CINEMA
No alto e abaixo: cenas de *O signo da cidade*, que tem roteiro de Bruna Lombardi e direção de Riccelli; nesta coluna, o casal confraterniza com o anfitrião Pedro Herz e folheia a *Revista da Cultura*; ao lado, cartaz promocional do filme



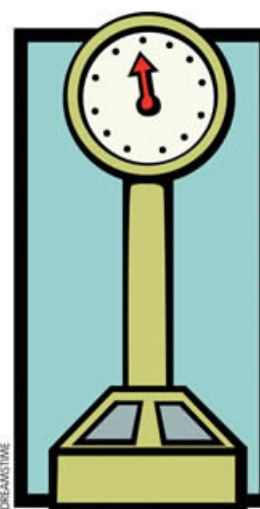
Super-Mário

Foram lançados na Cultura do Conjunto Nacional, em São Paulo, os três primeiros títulos da edição considerada "definitiva" da obra de Mário de Andrade – *Macunaíma*, *Os filhos da Candinha* e *Amar, verbo intransitivo*. As publicações, pela Agir, resultam do trabalho da equipe do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, coordenada por Telê Ancona Lopez. Os textos chegam com atualização ortográfica e foram estabelecidos com rigor e dedicação, por meio, por exemplo, do confronto entre os manuscritos do autor e suas reedições posteriores. O evento virou homenagem ao grande modernista e contou com performances do ator Pascoal da Conceição, do escritor Marcelino Freire e do grupo A Barca.



ASES DO SWING

A Traditional Jazz Band nasceu em 1964 com um grupo de músicos que recriaram o Traditional Jazz de New Orleans com toques contemporâneos, de modo que cada elemento da banda tem seu espaço de criação. O espetáculo na Cultura do Shopping Villa-Lobos, em São Paulo, dia 22 de fevereiro, às 20 horas, é uma homenagem aos quatro ases do *swing*: Benny Goodman, clarinetista que brilhou com os arranjos de sua banda Fletcher Henderson, em meados de 1930; Harry James, pistonista, de formação circense, que transformou o *swing* em discos de ouro; Glenn Miller, o "band leader" mais famoso da era do *swing*; e Tommy Dorsey, um trombonista genial de som melodioso. O ingresso para o *show* é 1 quilo de alimento não perecível.



Ler emagrece

Cientistas britânicos descobriram que ler livros com muitas cenas de sexo e ação faz com que seja perdida até uma caloria por minuto. Isso acontece porque o corpo produz mais adrenalina com esse tipo de leitura, o que reduz o apetite e queima calorias. A novidade foi apurada pela cadeia britânica de livrarias Borders, que comparou a quantidade de calorias necessárias para ler diferentes gêneros literários.



Santo Frevo



Dois lançamentos fazem o chão tremer, na Cultura Paço Alfândega, em Recife. No próximo dia 25 de fevereiro, às 19 horas, será autografado o livro *Almanaque do carnaval*, do historiador André Diniz, em que o autor conta como tudo começou, conduzindo o leitor a uma viagem no tempo. Mais do que falar sobre o fenômeno popular em uma das cidades onde se faz o carnaval mais animado do planeta, o livro é uma história dos gêneros musicais

identificados com essa festa – o samba, a marchinha, o frevo e o axé. Já em *Frevo – 100 anos de folia*, de Camilo Cassoli, Luiz Augusto Falcão e Rodrigo Aguiar, recém-lançado na Livraria, temos detalhes da história do ritmo e uma coletânea inédita com 200 imagens de grandes fotógrafos e artistas plásticos, além de textos de importantes estudiosos e escritores, convidando o leitor para uma viagem pelos carnavais do passado e do presente.



Bate-papo com Babenco

Uma boa conversa com o diretor Hector Babenco celebra o lançamento em DVD de seu mais recente filme, *O passado*. Na história, o ator Gael García Bernal vive um tradutor às voltas com uma separação mal resolvida. O assédio da ex-mulher acaba causando a morte de sua nova namorada. Passado o trauma da perda, que lhe rendeu uma amnésia misteriosa e o fez esquecer os idiomas que precisa traduzir no trabalho, ele se casa novamente e torna-se dependente da atual esposa. Até que sua primeira mulher retorna à sua vida causando inesperada reviravolta. Dia 6 de março, às 19 horas, na Cultura do Conjunto Nacional, em São Paulo.



CLAUDIA JACQUES

Alta infidelidade



O psicólogo Fábio Augusto Caló, mestre em processos comportamentais pela UNB, abordará o tema da infidelidade conjugal na Livraria Cultura do CasaPark Shopping Center, em Brasília. O especialista vai apresentar o esquema de culpa e vitimização, comuns após a descoberta da traição, e orientar os casais para o momento de reconciliação.

Dia 26 de fevereiro, terça-feira, às 19h30.

Grande família

A reprodução assistida é um meio cada vez mais utilizado por casais que enfrentam problemas com fertilidade. Momento importante na vida familiar e que apresenta situações de estresse, dúvidas, emoções e descobertas. Para ajudar a lidar melhor com esse tipo de situação, Vera Maluf lança o livro **Fertilidade e maternidade – O desejo de um filho**. Mestre em psicologia clínica pela PUC, Vera demonstra, entre outras coisas, como as pessoas descobrem recursos internos valiosos para encarar a questão. Dia 28 de fevereiro, às 18h30, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional, em São Paulo.

BB
BERTRAND BRASIL

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA



O EGITO DOS GRANDES FARAÓS – HISTÓRIA E LENDA
Christian Jacq
308 páginas | R\$ 45,00

Neste livro Christian Jacq compartilha com os leitores os segredos e os mistérios dos faraós que, desde a 1ª dinastia, iniciada em 2950 a.C., até o domínio dos Ptolomeus, que se encerrou em 30 a.C., legaram sua história e suas lendas à humanidade. Entre eles estão Djoser, o magnífico; Snefru, o construtor; Amósis, o

libertador; Pépi II e seu reinado mais longo da História; Hatshepsut, a rainha-faraó; Amenófis, o faraó desportista; Akhenaton, o herético; Tutankhamon, o desconhecido; Ramsés III, o último grande faraó; Nectanebo II, o último faraó egípcio; Cleópatra e Antônio, um amor único; e muitos outros.



UM TIRO
Lee Child
406 páginas | R\$ 49,00

Um Tiro tem início com a descrição dos passos de um franco-atirador em direção a um massacre iminente: com controle, precisão, tranquilidade e seis disparos, cinco alvos são atingidos em frente à sede de uma afiliada da NBC. Pânico, notícia e mistério: todas as evidências apontam para James Barr, um veterano da Guerra do Golfo, como o

principal suspeito dos crimes. Barr, no entanto, se diz inocente. E sabe que apenas um homem terá coragem e tenacidade para perseguir a verdade: Jack Reacher...



O MANTO DO SOLDADO
Os Cristãos – Vol. I
Max Gallo
266 páginas | R\$ 37,00

Em *O manto do soldado*, primeiro volume da Trilogia *Os Cristãos*, Max Gallo apresenta a discussão entre Julius Galvinius e seu filho, Antonius, na defesa de dois mundos sempre em confronto. Julius pretende convencer seu filho a voltar à tradição, enquanto esse tenta converter o pai à nova fé. O centro da discussão acaba sendo a



SHEILA LEVINE ESTÁ MORTA E VIVENDO EM NOVA YORK
Gail Parent
288 páginas | R\$ 39,00

Sheila Levine Está Morta e Vivendo em Nova York mostra o dia-a-dia trágico da leonina acima do peso que escolheu o dia 3 de julho para dar fim à sua vida sem sentido... e sem marido. Sheila é uma típica solteirona de trinta anos, que passou dez anos tentando obsessivamente se casar, pressionada pela mãe a cada telefonema recebido. Só que nasceu no mundo 103 garotas para cada 100 garotos... e definitivamente Sheila acha que é uma das três que estão sobrando. Sucesso de vendas da década de 1970, além de inspirador da série de tevê *Sex and the City*, o romance de Gail Parent, atemporal e engraçadíssimo, até hoje vem conquistando leitores em todo o mundo.



O OLHO DO GOLEM
Trilogia Bartimaeus – Livro 2
Jonathan Stroud
560 páginas | R\$ 59,00

O Olho do Golem é o segundo livro da Trilogia Bartimaeus, que teve início com *O Amuleto de Samarkand*. A história se passa numa Londres moderna onde a magia é rotina e os magos são aceitos como parte fundamental da sociedade – inclusive encontrando-se, na sua maioria, em posições de poder. Nesta segunda aventura, retomam o mago Nathaniel e seu inigualável parceiro Bartimaeus, o djim que já viveu mais de 5 mil anos. Juntos, embarcam numa aventura em busca do segredo da misteriosa fera que ronda Londres.



O CORONEL E O LOBISOMEM
José Cândido de Carvalho
400 páginas | R\$ 39,00

O coronel e o lobisomem, publicado originalmente em 1964, é a obra-prima de José Cândido de Carvalho. Nele, acompanhamos a história e as histórias do coronel Ponciano de Azeredo Furtado, membro da Guarda Nacional, em meio a aventuras divertidas e inusitadas – com direito a onças, sereias e, claro, um lobisomem – pela região de Campos de Goitacazes. Aventuras essas narradas pela inovadora linguagem de José Cândido, que aprimora as experiências rosianas e cria um estilo próprio e inimitável.



Prenda minha

Uma viagem pela capital gaúcha nos contos e versos de autores que amam a cidade, em qualquer tempo, em todos os estilos

O francês Albert Camus devia estar de cornos virados quando passou por Porto Alegre em 1949. Pegou um dia nublado, não achou grande coisa o que viu.

Qualquer porto-alegrense diria: Problema é dele!

Porto Alegre pode ser atravessada a pé. Com o exagero providencial do gaúcho, para não perder nada do que tem dentro dela. Mário Quintana gostava tanto daqui que passou a maior parte de sua vida morando em hotéis e pensões. Ele nunca quis parar de visitar a cidade. O Hotel Majestic, onde residiu durante 15 anos, virou a casa de cultura com seu nome. Do 7º andar, durante o entardecer no rio Guaíba, com a ajuda de um chope gelado no verão ou vinho tinto no inverno, é possível comprovar seus versos:

"Eu sei que nestes céus de Porto Alegre
É para nós que inda S. Pedro pinta
Os mais belos crepúsculos do mundo!"

Além do chimarrão, um dos hábitos dos nossos moradores é beber exclamações. Mistura de bairrismo com bravata. Cidade que rendeu hinos alternativos.

Na década de 1980, *Deu para ti*, de Kleiton e Kledir. A canção carregava o sotaque. Trazia neologismos: tais "gurias" e "trilegal" ou "triafim", que depois seriam compilados e reunidos por Luís Augusto Fischer no *Dicionário de porto-alegrês*, sucesso de público, já na 15ª edição.

Logo em seguida, virou moda exaltar Porto Alegre. *Porto Alegre é demais* é uma espécie de *New York, New York* local a tocar ao final de qualquer festa nostálgica ou baile de debutantes. Na letra, de tudo um pouco, de propaganda de mercado a adesivo político.

Mas os tempos são outros, o compositor José Fogaça é prefeito de Porto Alegre, Quintana virou estátua de bronze na Praça da Alfândega, a estátua do Laçador mudou de lugar e está mais perto do

aeroporto. Para quem não passou dos 40, ou mente a idade, a loa gaúcha é o psicodélico *Amigo punk* da Graforreia Xilarmônica.

A composição de Frank Jorge mescla costumes do pampa com o ritmo cotidiano do Parque da Redenção, em uma sátira moderna de uma cavalcada. Com um pouco de *punk*, brinca com o CTG (Centro de Tradição Gaúcha).

Porto Alegre é a cara de sua música (não esquecer a força do *rock gaúcho* como Replicantes, Engenheiros do Hawaii, DeFalla, Nenhum de Nós, Júpiter Maçã, Bidê ou Balde, Acústicos e Valvulados), é a cara do seu cinema (Carlos Gerbase, Jorge Furtado e a turma da Casa de Cinema). As duas artes utilizaram a cidade como cenário, expressaram o jeito gritado de conversar e a postura insurrecta dos conterrâneos.

E a literatura? "A cidade nunca foi esquecida, penso, sim, é que está sendo redefinida, reavaliada sob novos olhares, a ponto de ser admitida mais complexa, atualizada", solta o verbo Paulo Scott, professor de direito da PUC e agitador literário nas madrugadas.

Parece que agora a nova geração de autores não tem receio de colocar Porto Alegre no papel sem a necessidade de romantizar o passado, de redundar clichês ou de se defender intelectualmente do país, em um ato involuntário separatista. "A literatura deve concentrar-se na paisagem interior dos personagens que o cinema não vai captar", avalia o ficcionista Michel Laub.

Afora exceções narrativas eventuais – como as de Érico Veríssimo e Dyonélio Machado e do humor saboroso de Luís Fernando Veríssimo –, os escritores que ajudaram na emancipação foram os mais cosmopolitas, os mais viajantes, com vários carimbos europeus nos passaportes. Entre eles, Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll. Retrataram com fidelidade o que é e o que não é Porto Alegre. Levaram o mundo nos bolsos dos *jeans* e dilataram a tradição.

O RIO QUE VERTICALIZA A POESIA

Noll chegou a escrever seu livro *Harmada* todo à beira da orla de Ipanema. Chegava às 10 horas no bar Camaleão e ia embora ao cair da noite. Criou um escritório móvel, alheio ao movimento dos clientes e ao vaivém dos garçons. “Aquela paisagem foi meu cinemascopo, permitiu que eu transmitisse uma visão ampla para a obra. O Guaiaba me fermentou o amor épico, forneceu minha tela”, lembra.

Um dos grandes romancistas brasileiros, vencedor de quatro Jabutis, João Gilberto Noll mora no centro. Às 7h30, com seu abrigo escuro, deixa seu apartamento para caminhar da Usina do Gasômetro até o Anfiteatro Pôr-do-Sol.

De suas andanças surgiram vários relâmpagos e minicontos reunidos em *Mínimos, múltiplos, comuns*. Maltrapilhos, ciganos e mendigos surgem como profetas. O lirismo inunda sua linguagem. Esguichos úmidos de tinta sobre o rio no cais.

Criado na avenida Cristóvão Colombo, infância embalada pelo barulho metálico do bonde, Noll exerce a diferença, honrando o menino diferente que foi, que cantava em igrejas e declamava Casimiro de Abreu na escola. É um fotógrafo dos ouvidos, registrando a solidão das formas e dos homens. “Porto Alegre precisa se virar para o rio. Menosprezar os muros. É da cultura machista não olhar o rio. A água é feminina, não fica presa a uma forma só”, comenta.

Percorrer um livro de poesia pode ser o equivalente a guardar uma cidade. O poeta e letrista Paulo Neves em *Viagem, espera* retrata o espírito do lugar. Seus versos são uma circulação de ônibus. A partir de sua obra, entramos na boemia da Cidade Baixa, reduto de bares como Zelig, Garagem Hermética, desembocamos no Menino Deus, vizinho do Parque Marinha do Brasil. Os bairros dão nome a dois poemas.

Neves se confessa discípulo do sussurro: “Nasci e vivo hoje aqui.



CAROL GRESPIAN / ARQUIVO PESSOAL

“Sou íntima até das pedras da cidade. Essa classe de afeto, acredito, transita na produção de um autor. Amar uma cidade e, ainda mais, amar Porto Alegre faz diferença quando sento para escrever”

Cíntia Moscovich



BUENAS, E ME ESPALHO
A Usina do Gasômetro: badalado ponto de encontro; ao lado, o Hotel Majestic, atual Casa de Cultura Mário Quintana

ARNALDO CHAVES



ARVALDO CHAVES

NEBLINA URBANA
A topografia que inspira
o escritor Amílcar Bettega

Para mim, o Menino Deus é a aldeia por onde passa o rio”.

DO ALTO DOS MORROS

Porto Alegre é mangá mais do que um mapa na ficção contemporânea. Um personagem animado. Uma voz. Amílcar Bettega detalha pontos tradicionais nos contos de *Os lados do círculo*, vencedor do Prêmio Portugal Telecom. Em *A próxima linha*, emprega o Morro Santa Teresa para deslindar o diálogo de um casal. É tão detalhado quanto uma topografia. Qualquer um pode encontrar o local pela descrição. A literatura é o norte do sul.

QUER MAIS?

Leia Daniel Galera. “Porto Alegre foi cenário de 95% de tudo o que escrevi até hoje. Acho que comecei a escrever com um desejo, entre outras coisas, de criar a minha própria versão da cidade na ficção até esgotá-la”, afirma.

Em *O dia em que o cão morreu*, adaptado para o cinema por Beto Brant com o título de *Cão sem dono*, ele apanha os altos da Duque de Caxias, entre a Igreja da Matriz e o Viaduto da Borges de Medeiros, ao contar as desventuras de um tradutor adolescente sem perspectivas profissionais e seu namoro com uma modelo.

No terceiro livro, *Mãos de cavalo*, romance de formação que mostra as escolhas do médico Hermano, Daniel Galera radiografa a triade da zona sul de PoA – Ipanema, Guarujá, Espírito Santo.

Ciclista ou não, impressionante é a narração do tombo de bicicleta do protagonista na Avenida Guaíba. Nem um azulzinho (agente de trânsito) saberia esmiuçar o trajeto numa ocorrência com igual veracidade (ou seria velocidade?).

Não estranhe a conjugação. Galera coloca o “tu” porto-alegrês na terceira pessoa. Não é “o que tu falaste?”, mas “o que tu falou?”. É a oralidade invadindo os parágrafos. Uma escolha corajosa. “Como

leitor, aprecio o uso de dialetos locais na literatura”, defende Galera.

BOM FIM DE NOITE E DE DIA

Cíntia Moscovitch teve a ousadia de entrar no bairro mítico do Bom Fim, reconhecido pela mitologia judaica e ficcional de Moacyr Scliar ou pelas letras poéticas de Nei Lisboa, e aproveitar sua extensão colada com Santa Cecília para ambientar o amor proibido de amigas em *Duas iguais*. Na novela, produz o impacto do enfrentamento das adolescentes com ressentimentos morais e tabus sexuais e religiosos. Não há nenhuma menção explícita ao espaço, mas dificilmente alguém não deduzirá que são os arredores do Colégio Israelita e das avenidas Protásio Alves e Oswaldo Aranha.

Não é para menos que o define como seu marco literário. “O Bom Fim, eu o escolheria pelo que foi, pela concentração de figuras folclóricas da comunidade judaica, que já se dispersou. Mas ali estão a Redenção e seu brique (mercado de pulgas), os michês que fazem ponto na José Bonifácio, a meninada que se entope de cerveja nos bares nos finais de domingo – tudo muito próprio para gerar histórias”, afirma. A autora está com um infanto-juvenil no prelo chamado *Mais ou menos normal*, a ser lançado pela Publifolha. Adivinha qual é o tema? “O objetivo da publicação é justamente homenagear diversas cidades brasileiras, tocando-me aquela na qual vivo. De forma indireta, creio que Porto Alegre sempre está na minha narrativa. Nasci aqui, cresci aqui e pretendo aqui ficar até o final. Amo incondicionalmente Porto Alegre, sou íntima até das pedras da cidade. Essa classe de afeto, acredito, transita na produção de um autor. Amar uma cidade e, ainda mais, amar Porto Alegre faz diferença quando sento para escrever”, conclui.

Se o Bom Fim de dia é Cíntia, de noite é Paulo Scott. Em escrita nervosa, dura e crua, transgressiva de raiz, Scott conseguiu ser o sismógrafo da boemia ao decodificar as caças, as brigas e o desespero solitário

**"Eu sei que nestes céus
de Porto Alegre
é para nós que inda
São Pedro pinta
os mais belos
crepúsculos do mundo!"**

Mário Quintana



RIO QUE CORRE EM MINHA ALDEIA
O famoso pôr-do-sol do rio Guaíba
e, ao lado, o fervoroso embate Gre-Nal

Completando o passeio

Cenas da vida gaúcha

Apresentação de Luis Fernando Veríssimo
RBS Publicações – R\$ 45,00

Antes do túnel –

Uma história pessoal do Bom Fim,

Juremir Machado da Silva – Editora da Cidade/
Instituto Estadual do Livro – R\$ 9,80

Veja no conto *Funny Valentine*: "O táxi rodou toda a cidade. O motorista já me olhava com cara abusada. Insinuando-se com piadinhas sem graça. Esperei o cigarro terminar. Pedi que encostasse na esquina do bar Ocidente. Ali ficamos por mais cinco minutos. Ele se virou, tentou puxar conversa, pedi que se calasse, passei batom na boca, paguei a corrida. Ele gaguejou um boa-noite. Bati a porta com força. Era uma quarta-feira fria. Dia dos namorados. Fiquei parada em frente à bilheteria, perguntei quem estava tocando. O porteiro me respondeu: Frank Jorge e Júlio Reny. Entrei. Fiquei encostada no balcão, sozinha, bebendo um gim-tônica (meio descarada para uma velha de cinquenta e seis anos, pensei)". Scott define sua predileção. "É o bairro onde as pessoas que o habitam, que o frequentam, estão mais expostas, emocionalmente menos armadas. Claro, o bom escritor faz literatura a partir de



qualquer contexto, mas, ainda atento ao quesito inspiração, escolheria também o bairro onde cresci, o Partenon."

INTER OU GRÊMIO?

Como tudo termina em futebol e na rivalidade entre Grêmio e Internacional, a literatura não poderia fugir à regra e à passionalidade clubística. Para entender o que se passa em campo, a estratégia é comprar um ingresso ou o livro *Segundo tempo*, de Michel Laub. No romance, Laub refaz a tensão do confronto entre gremistas e colorados por uma vaga na final do Campeonato Brasileiro. O futebol é pano de fundo para que um garoto de 15 anos revele ao irmão caçula que os pais estão se separando. O escritor, cria da Bela Vista ("na época em que não havia edifícios por lá, só calçadas – as melhores do mundo – para se andar de skate"), foi fundo na descrição das vizinhanças do Estádio Beira-Rio, palco do embate. Deseja um início mais promissor para a Porto Alegre do século 21? ©

Fabrizio Carpinejar

é poeta, autor de *Meu filho, minha filha* (Bertrand Brasil, 2007), entre outros.

JOHN MACCLANE ESTÁ DE VOLTA E MAIS IMPLACÁVEL DO QUE NUNCA. DINAMITE PURA!

BRUCE WILLIS
DURO DE MATAR 4.0

LANÇAMENTO
27/02

O melhor está de volta à ação na mais recente aventura eletrizante da saga de Duro de Matar. O detetive John McClane (Bruce Willis), enfrenta uma nova geração de terroristas quando eles promovem um ataque impiedoso, ameaçando a infraestrutura dos EUA. Armado com as melhores proezas, humor genuíno e ação ininterrupta, Duro de Matar 4.0 é o mais explosivo filme de ação do ano.



DVD SIMPLES
R\$39,90



BLU-RAY
R\$119,90



PACK DÚPLO
(DURO DE MATAR 4.0 + DURO DE MATAR)
R\$54,90



QUADRILÓGIA COMPLETA
R\$89,90



TODOS OS CAMINHOS SE CRUZAM EM ALGUM MOMENTO DA VIDA.

não por acaso

LANÇAMENTO
20/02

Ênio é um homem de meia-idade que vive na solidão depois de um relacionamento fracassado. Metódico e apegado ao passado, esconde-se atrás do trabalho de engenheiro de trânsito e acredita que controlar as emoções é tão possível quanto administrar o tráfego de uma grande cidade.

Prêmio de melhor ator para Rodrigo Santoro no Festival Internacional de Cancun (2007).

Prêmio de melhor diretor para Philippe Barcinski no Chicago International Film Festival (2007).

Estrelando Rodrigo Santoro, Leonardo Medeiros e Leticia Sabatella.



R\$29,90



COMPRE JÁ EM DVD



www.fazvideobrasil.com.br

© 2007 Twentieth Century Fox Film Corporation e Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC. Todos os Direitos Reservados.
© 2008 Twentieth Century Fox Home Entertainment LLC. Todos os Direitos Reservados. "Twentieth Century Fox", "Fox" e seus logotipos associados são marcas registradas de Twentieth Century Fox Film Corporation e suas afiliadas internacionais.



PIRATARIA É CRIME
DENÚNCIE 0800 11 3041





DIVULGAÇÃO



A dança CADEIRAS^{das}



Fernando Campana é o irmão caçula de Humberto. Juntos, formam a dupla de designers brasileiros mais elogiada pelo mundo afora. Mesmo que você não entenda do riscado, já viu alguma peça dos irmãos Campana. Talvez a famosíssima cadeira Vermelha que enfeita o hotel Emilianio, em São

Paulo, e outros prédios de charme, ou a poltrona de bichos de pelúcia, presente nas casas muito fotografadas de gente moderna, ou ainda já tenha visto suas peças no MoMA, em Nova York. Os Campana são os únicos designers brasileiros com peças no acervo do museu americano. Tiram mobília do improvável, criando cadeiras e peças geniais com pedaços de madeira, cordas, retalhos, plásticos, torcendo blocos de espuma – criando uma linguagem inovadora tanto no design quanto na cultura contemporânea brasileira. Recentemente, eles assinaram a cenografia do espetáculo *Metamorphoses*, para a companhia Ballet Nacional de Marselha, apresentado no Grand Théâtre de la Ville de Luxembourg. O cenário misturava figuras mitológicas com cultura popular. Foram aplaudidíssimos pela crítica. Quem quiser ter uma idéia de como eles pensam e criam deve ir ao Cooper-Hewitt Museum, em Nova York, e ver a exposição *Campana Brothers Select*, em cartaz até 24 de agosto de 2008. Convidados pelo museu, os irmãos Campana selecionaram peças dos séculos 16 a 20 e apresentam um trabalho inédito de sua autoria.

Se delicia agora com a seleção de CDs feita por Fernando, que adora música e vive bolando compilações para presentear amigos.

BACK TO BLACK, Amy Winehouse

"Ela sabe ser tão boa quanto a Dinah Washington, a Nina Simone ou a Janis Joplin, e nem precisa ir para clínicas de reabilitação com esse talento todo."



LIVE AT THE BLUE NOTE, Gal Costa

"Gosto muito do disco anterior da Gal, o penúltimo. Nele ela mostra que sabe cantar com a voz e o coração."



OUTROS SONHOS, Miúcha

"O último disco da Miúcha não é tão vendido ou tão admirado pelo grande público, porém os grandes tesouros só são vistos e descobertos por aqueles que têm olhos, ouvidos e cabeça para entender."



POCKET SYMPHONY, Air

"Depois do primeiro disco, *Moon Safari*, é um som bem legal que eles fizeram, ótimo para ouvir na estrada."



CAPUCCINO CAFÉ e GRAND LOUNGE CAFÉ

"São dois exemplos bacanas de coletâneas de lounge que não se desgastam. Não é *standard*, não é bossa nova clichê, é um som ótimo."



THE BEST OF SADE

"A Sade demora a lançar um disco. Existe um espaço de tempo entre os últimos cinco álbuns, mas ela consegue preencher essa diferença com balanço. Sempre faz coisas gostosas de ouvir, que não enjoam. Gosto dos cinco." ©

Fernando Campana

é designer premiado, ao lado do irmão Humberto. Um de seus hobbies é gravar CDs para presentear os amigos.



Yawn: os anti-Paris Hilton

Aumenta o número de milionários no mundo e, para uma considerável parcela deles, antigos ícones de riqueza como os famosos Rolex já não valem mais nada

Ei, talvez você se surpreenda, mas esse jovem senhor aí na fila logo à sua frente pode ser um milionário, até mesmo um bilionário. Ele está de calça *jeans* sem grife? O relógio é nacional? Não importa. Entre os milionários do século 21, há gente muito esquisita. Eles não gostam de ostentações, não desfilam com carrões do ano e, acredite, querem que seus filhos se passem por crianças da classe média. Enfim, eles querem ser normais e estão dispostos a pagar caro por esse luxo. Eles são os *Yawns* (*young and wealthy but normal*).

Esse novo tipo de milionário está mais preocupado em ter tempo para a família e para projetos filantrópicos. Combate a pobreza e causas ambientais tomam mais espaço na sua agenda do que badalações ou mesmo negócios. São os "anti-Paris Hilton", a herdeira de uma cadeia internacional de hotéis, que diariamente marca presença na mídia de celebridades.

Bill Gates é considerado o patrono desse novo tipo de milionário, embora já tenha passado

dos 50, e o *yawn* típico esteja entre os 30 e 40 anos. A Europa, especificamente a Inglaterra, é a região onde há maior incidência de *yawns*, mas eles também são encontrados nos EUA e até mesmo no Brasil.

Não confunda um *yawn* com um rico à moda antiga. Eles não têm nada em comum. Ao contrário dos ricos do passado, eles não gastam seu dinheiro com iates, jatos ou outras extravagâncias. O *yawn* está mais para o microcrédito do que para um Rolex ou carros luxuosos, como definem alguns especialistas em gestão de riqueza.

Mas o *yawn* não pode ser considerado o novo ícone de riqueza. A verdade é que atualmente há muitos milionários no mundo, e eles têm estilos bastante diferentes; o *yawn* é apenas mais um estilo entre tantos adotados pelos endinheirados.

Para muitos milionários, os ícones que representavam *status* ficaram obsoletos. Por isso, dificilmente você conseguirá identificar, a olho nu, os que de fato têm alguns milhões de dólares em caixa. Além disso, há os

que ostentam carrões e jóias somente para cumprir papel de milionários que já foram, agora afogados em prestações para obter tais mimos. Daí a dificuldade de definir um estilo único para os atuais milionários e bilionários.

Embora ainda haja profundas diferenças de renda em todo o mundo – e o Brasil é um campeão nesse quesito, exibindo uma das maiores taxas de desigualdade – o fato é que os ricos não param de crescer. O último relatório anual sobre riqueza mundial, realizado pelas empresas Capgemini e Merrill Lynch, mostrou que o número de indivíduos com mais de US\$ 1 milhão investidos em ativos financeiros, os chamados High Net Worth Individuals (HNWIs), cresceu 8,3% de 2005 para 2006, atingindo a marca de 9,5 milhões de pessoas. Já os Ultra High Net Worth Individuals (Ultra-HNWIs), ou pessoas com ativo financeiro superior a US\$ 30 milhões, são representados por 94.970 pessoas espalhadas pelo mundo.

Mesmo no Brasil há bolsões de riqueza

Hoje, têm mais *status* e mais futuro aqueles que constroem seu patrimônio com as próprias mãos

za. Aqui, foram contabilizados 120 mil HNWI's, o que representou crescimento de 10,1% em relação a 2005, segundo o estudo da Merrill Lynch e Capgemini.

Aliás, entre os países latino-americanos, o Brasil é o lugar onde a riqueza mais cresce. Estudo da consultoria The Boston Consulting Group revela que no Brasil, em 2006, houve crescimento de 20% no total de recursos administrados de clientes *private* (aqueles com mais de US\$ 1 milhão em caixa). Na América Latina, o crescimento foi de 12,8%.

O Brasil é o maior mercado da América Latina em termos de riqueza, com quase metade das fortunas da região, superando, inclusive, o México, segundo a Boston Consulting. É gente com muito dinheiro, espalhada pelos mais diversos rincões do Brasil. Uma nova elite que prosperou nos últimos anos por conta do ciclo da alta dos preços das *commodities*, das novas empresas que ingressaram na Bolsa de Valores, enfim, devido ao crescimento econômico do país que amplificou a criação de riqueza.

Não são herdeiros, portanto, e essa é outra grande diferença entre os ricos de ontem e de hoje: a forma como a fortuna lhes bateu à porta. No passado, herdar uma fortuna era sinal de prestígio. Mas, nos dias de hoje, tem mais *status*, e principalmente mais futuro, aqueles que conseguem construir seu patrimônio com as próprias mãos. Hoje, segundo dados da Prince & Associates, uma empresa de pesquisa na área de gestão de riquezas nos EUA, as fortunas herdadas representam apenas 10% do patrimônio dos milionários americanos.

Herdeiro "boa vida", que vivia de renda e gastava seus recursos sem cerimônia, é hoje tão antiquado quanto era reverenciado no passado. O consumo ostensivo não era apenas tolerado, mas também um pré-requisito para conferir o *status* de milionário. Ocorre que nos dias de hoje, tempos de aquecimento global e recursos naturais escassos, o desperdício está completamente

fora de moda e a palavra de ordem é o consumo consciente.

Assim, aquele que sai por aí torrando seu dinheiro em extravagâncias provavelmente não será chamado de milionário, mas, sim, de mal-informado, para dizer o mínimo. E olha que neste caso não estamos falando apenas do *yawn*, o milionário consciente de seu papel na sociedade, mas de qualquer um que tenha um pouco de informação e bom senso. ©

Mara Luquet

é jornalista e autora dos guias *Valor econômico de finanças pessoais* e *Planejamento da aposentadoria* e do infantil *A formiga Emília e a economia*. Publica a revista *Legado* (Letras e Lucros)

Indicações

O economista clandestino, de Tim Harford – Record – R\$ 44,00
Entre outras curiosidades, relata como os princípios econômicos estão por trás de tudo o que fazemos.

Riqueza familiar, de James Hughes – Saraiva – R\$ 32,00
Hughes é um advogado que dá consultoria a famílias ricas e mostra como preservar patrimônios.

Richistan, de Robert Frank – Random House – R\$ 62,38
Ricos são diferentes dos outros, e nessas histórias são muito mais diferentes do que imaginamos.

The Theory of the Leisure Class, de Thorstein Veblen – Penguin USA – R\$ 30,00
Com humor devastador, o autor expõe o vazio dos padrões de gosto e educação das elites.

Class, de Paul Fussell – Touchstone Books – R\$ 34,88
O livro explora o mito da igualdade na América, descrevendo a vida de todas as classes sociais.



Razão e sensibilidade



Quem é de São Paulo e gosta de *shows* com certeza já viu Guga Stroeter tocando vibrafone. Quem sabe nos anos 1980/1990, com o elegante quinteto de jazz Nouvelle Cuisine ou com a orquestra Heartbreakers, ambos criados por ele e mais uma turma de músicos incríveis, em 1987. Talvez você reconheça o Guga que acompanhou Caetano Veloso no espetáculo *Fina estampa*, a Rita Lee em seu *Acústico* ou se lembra dos musicais que ele criou com o diretor José Possi Neto. Ele está sempre gravando, lançando discos, escrevendo sobre música e ainda foi sócio de uns *hits* noturnos paulistanos: o Blen Blen Club, o BOP, o Grazie a Dio, a Sala Crisantempo. Agora,

o músico, presidente da ONG Sambatá, que promove intercâmbio entre músicos brasileiros e cubanos, produz, grava e faz *shows* de sambas antigos, jazz experimental, fusões musicais ou apresentando o fino do swingue latino. Como o espetáculo *Ago*, que traz canções da santeria cubana, muito semelhantes às do candomblé brasileiro. Continua a turnê de *shows* com a cantora cubana Liana Centeno e pretende lançar, este ano, diversos discos. “Um projeto é gravar a experimentação radical do folclorista Sapopemba cantando melodias do Brasil profundo.”

O que pouca gente sabe, porém, é que Guga formou-se em psicologia, escreve peças, livros, poesias. Nesta seleção para a *Revista da Cultura*, ele revela que adora filmes densos, que fazem pensar.

Leitura da melhor qualidade para os seus momentos de lazer.



OS MELHORES JORNAIS DO MUNDO
Uma visão da imprensa internacional, de Matias Molina. Escrito por um dos principais nomes do jornalismo brasileiro, traz as histórias e os desafios dos mais importantes e influentes jornais do mundo.



LIVRO DAS MIL E UMA NOITES - VOL. 3
Ramo Egipcio, anônimo. O aguardado terceiro volume de uma das obras mais lidas de todos os tempos, em uma tradução integral e direta do árabe.



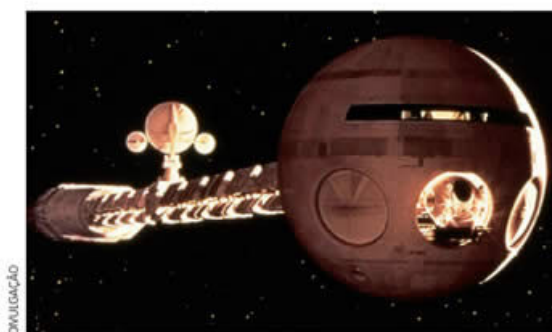
ALMANAQUE MALUQUINHO - ESPORTES RADICAIS
Ziraldo. Histórias em quadrinhos em que o Menino Maluquinho e sua turma vivem aventuras muito divertidas no mundo dos esportes radicais. Maluquinho mostra ainda curiosidades sobre surf, bicicross, skate, montanhismo, entre outros esportes.



CIDADES MORTAS
Monteiro Lobato. Vinte e cinco contos em que o autor retrata, de forma crítica e bem-humorada, os costumes provincianos dos povoados do interior do Brasil, relegados à decadência após um passado de prosperidade promovido pela cultura do café.



MOLLOY
Samuel Beckett. Molloy forma a primeira parte da “trilogia do pós-guerra”, de Beckett. A história registra as idas e vindas da personagem, num vai-e-vem que alterna lugares abertos e fechados e mimetiza o impasse da própria linguagem, que deveria “abrir” o mundo mas se fecha sobre si mesma.



DRAUGUACÃO

2001 – UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO,
de Stanley Kubrick, 1968

"Todo ser humano tem um clássico na sua vida, o meu é esse. Assisti a **2001** pela primeira vez aos 9 anos de idade, não entendi nada, mas revi várias vezes ao longo da vida. Gosto de tudo do filme: a tecnologia que vem dos pré-hominídeos, a exploração do mesmo movimento de câmera... Quando criança, me fascinou o mistério. Depois, o final, que abriu muitas portas na minha insignificante tentativa de entender a Teoria da Relatividade, de Einstein."



WAKING LIFE,

de Richard Linklater, 2001

"Um desenho animado que fala de filosofia contemporânea, um desenho para adultos que, através dos pensadores americanos da atualidade, tenta entender quem somos nós. O diretor é genial."

SOU CUBA,

de Mikhail Kalatozov, 1964

"Esse filme faz parte de uma série de lançamentos do cinema soviético dos anos 1960 como propaganda do regime de Fidel. É insuportável, é chato, mas atingiu um conceito de fotografia de cinema nunca mais igualado, na minha opinião. Existe também um documentário sobre o filme chamado *Soy Cuba, o Mamute Siberiano*, dirigido por Vicente Ferraz."

A CORPORAÇÃO (THE CORPORATION),

de Jennifer Abbott e Mark Achbar, 2003

"Para mim, esse filme canadense é o documentário que faz a análise mais aprofundada sobre o capitalismo contemporâneo. Traz entrevistas que analisam o caráter devorador das grandes corporações capitalistas."



A VIDA E A MÚSICA DE THELONIOUS MONK,

de Clint Eastwood, 1989

"Um road movie que acompanha Thelonious Monk em turnê... Um retrato maravilhoso desse artista genial."



FRANCISCO, ARAUTO DE DEUS (THE FLOWERS OF ST. FRANCIS),

de Roberto Rossellini, 1950

"Independentemente de qualquer religião, esse filme merece ser visto. É lindo! Rossellini investiga com muito carinho a alma humana do personagem incrível que é São Francisco de Assis." ©

Guga Stroeter

é músico, produtor e empresário. Escreveu o livro infantil *Monstros peludos* (Nova Fronteira)



**Os melhores filmes das
últimas seis décadas
na opinião de grandes
críticos do cinema:
nossos colaboradores.**

*Para comemorar os sessenta anos
da Livraria Cultura, escolhemos estes
filmes para você. São o que de melhor
foi produzido pela Fox, nas últimas
seis décadas, na opinião dos nossos
colaboradores. E pode confiar,
de cultura eles entendem.*

livraria cultura
ler para ser

www.livrariacultura.com.br

PALAVRA estrangeira faz mal?

Muita gente já havia esquecido do projeto, mas agora só falta uma instância para que ele se torne lei. Aprovadas em dezembro pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, as restrições ao emprego de estrangeirismos no Brasil estão a caminho do plenário da Casa. Se a iniciativa do deputado Aldo Rebelo obtiver nova votação favorável, o Executivo terá um ano para regulamentar o assunto. Depois, não haverá escapatória: todos terão de conviver com alguma forma de censura às palavras que vamos poder ou não usar.

O projeto tem dois objetivos declarados: o primeiro prevê a melhoria das condições de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa, além do incentivo ao estudo e à pesquisa da expressão oral e escrita do povo brasileiro. O segundo, que nunca teve aceitação tranquila no Brasil, corre o risco, mesmo após a sua regulamentação, de entrar para o rol das leis que não pegaram. Para o deputado, o "uso excessivo de expressões em língua estrangeira dificulta a comunicação do povo brasileiro" e por isso todos os documentos oficiais do país deverão ser escritos somente em português. A proposta prevê também que palavras de outras línguas que não tenham equivalente em português deverão ser traduzidas ou aportuguesadas quando utilizadas em textos publicitários, nas relações comerciais, nos meios de comunicação e nos letreiros dos es-

tabelecimentos comerciais. Ou seja, também a imprensa deverá curvar-se às injunções.

No projeto, não esqueceram de incluir punições para quem violar as suas disposições: "A regulamentação desta lei tratará das sanções administrativas a serem aplicadas àquele, pessoa física ou jurídica, pública ou privada, que descumprir qualquer disposição desta lei."

Ainda bem que o texto original foi modificado no Senado, uma vez que a proposta inicial de Aldo Rebelo punia a desobediência à lei com multas de 1.300 a 4.000 Ufirs, para as pessoas físicas, e de 4.000 a 13.000 Ufirs, para as pessoas jurídicas. E o mais grave: "O valor da multa dobrará a cada reincidência."

Em diversos artigos desta coluna, já mostramos a impossibilidade de legislar sobre a língua, a respeito de projetos que pretendiam eliminar a crase e proibir o uso do gerúndio no governo do Distrito Federal. Outro exemplo fica claro também em relação aos estrangeirismos: um juiz federal de Guarulhos determinou, no começo de 2007, que o governo federal é o responsável por fiscalizar, aplicar multas e

até interromper o funcionamento de empresas que mantenham anúncios de ofertas e descontos com palavras estrangeiras nas suas vitrines. Por essa decisão, palavras como *sale* e *off* teriam de estar acompanhadas de sua tradução em português.

A decisão decorreu de um processo em que o procurador da República de Guarulhos (SP), Matheus Baraldi Magnani, invocou o Código de De-

fesa do Consumidor para fundamentar a sua ação: "O código exige que a comunicação feita com o consumidor seja clara e objetiva. Informação assim é em língua portuguesa. Em segundo lugar, a ação tem o intuito de evitar a discriminação, pois uma parcela muito pequena da sociedade tem acesso a uma língua estrangeira."

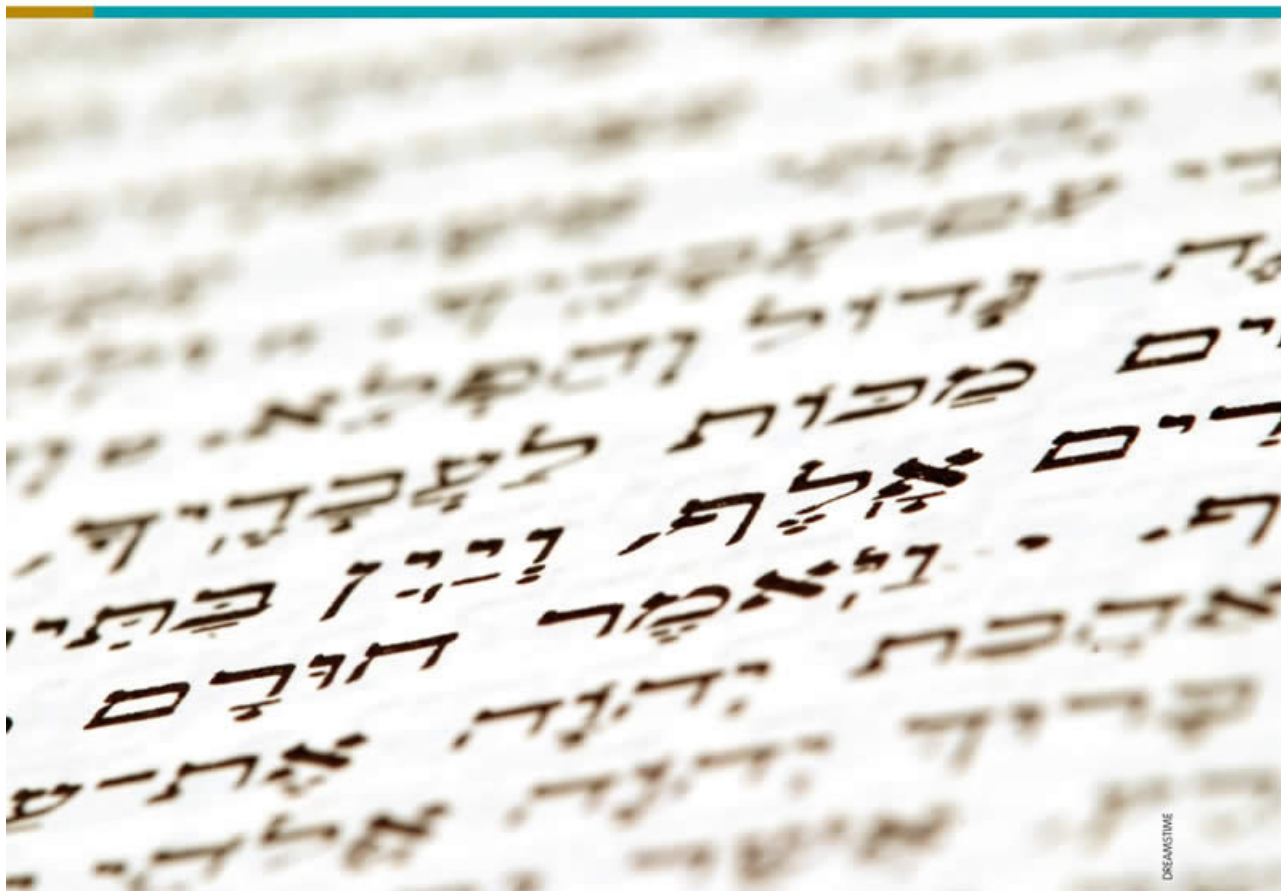
Em consequência da campanha do Ministério Público, os Procons de todo o país estão sendo instados a limitar o emprego dos estrangeirismos no comércio, com base no Código do Consumidor. Não se conhecem os resultados da iniciativa nem de outras imposições a respeito da língua adotadas no país, como a que a Prefeitura de São Paulo tomou há alguns anos com o objetivo de punir letreiros com erros de português. Tudo indica, porém, que não foram além da intenção, a julgar pelos "free" e "discontinued models" encontrados nas vitrines e pelos erros nas placas (até oficiais) abundantes nas ruas da cidade.

Por mais que exista um culto (condenável, é forçoso admitir) aos estrangeirismos no país, não é com repressões do gênero que ele se reduzirá, mas com a promoção de campanhas educativas, desde os primeiros anos de escola. É incrível que os exemplos pregressos não tenham sido suficientes para demonstrar que não se regula o idioma por lei nem por decretos. A menos que o poder público esteja consciente e assuma os riscos de tomar decisões fadadas ao fracasso desde a origem. ©

Eduardo Martins

é jornalista e autor dos livros *Manual de redação e estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com todas as letras – O português simplificado* e *Uso do hífen*, além de seis *Resumos* de língua portuguesa





História sem fim

O crítico Robert Alter diz: a repetição dos fatos, as contradições, a escolha das palavras, tudo na Bíblia é uma aula de estilo literário que desafia o leitor

Quem teve oportunidade de ler a *Bíblia* ou trechos dela quando criança pode lembrar o fascínio das histórias de Noé, Sansão e Dalila, do Dilúvio, de José e seus irmãos, de Adão e Eva, do rei Davi, do trágico Saul, do malicioso Bilam, da rainha Ester, de Rute, entre outros. Quando essas leituras não eram condicionadas por fórmulas religiosas, voltavam a ser o que também eram no princípio, histórias, às vezes, meio verídicas, muitas vezes bem urdidas pela imaginação de narradores irrecuperáveis que as interpretaram como resultado do sopro divino – não cabe ignorá-lo. Esse encanto, porém, tende na maior parte das vezes a se desfazer – caso a pessoa continue a se interessar pela *Bíblia*. Por causa de

camisas-de-força que são aplicadas à leitura por diversos tipos de ideologia religiosa ou não. O professor e crítico norte-americano Robert Alter escreveu um livro para mostrar, com a margem de precisão possível, que aquele tipo de leitura não só permanece válido como também deveria se antepor aos demais, porque, de certa maneira, procura recuperar as intenções e as subintenções da voz de contadores antiqüíssimos, cujo eco ainda pode ser detectado através dos ruídos e das ruínas textuais.

Alter preocupa-se no livro *A narrativa bíblica* em apontar para o leitor diversos elementos que servem de base para a narrativa bíblica. Afinal, se ninguém pode

contestar a existência da narrativa bíblica, ninguém poderá negar que essa narrativa contém uma técnica própria. A revisão dos conceitos aplicados à *Bíblia* tem um marco muito evidente no ensaio *A cicatriz de Ulisses*, texto com o qual o ensaísta judeu alemão Erich Auerbach abre o livro *Mimesis*, um dos monumentos da crítica literária do século 20. Analisando um dos cantos homéricos, ele o compara ao episódio do Sacrifício de Isaac, para assim indicar as diferenças entre os dois textos. Mais do que isso, entre os dois textos e as concepções em voga no mundo grego e no mundo hebraico antigos.

Dessa diferença decorrem, obviamente, textos autônomos, modos diferentes de narrar. No canto homérico, temos um conto que se realiza como um quadro detalhado, fornecendo ao leitor uma gravura que leva ao deslumbramento hipnótico, em que os detalhes e o quadro geral se articulam em uma moldura firme exposta à contemplação. Já o texto bíblico em poucas linhas conta uma história aparentemente simples, lacônica, fugidia, que durante muito tempo foi tida como uma prova de primitivismo do redator ou de redatores. Auerbach corrige isso. O laconismo característico de contos bíblicos não se deve a nenhum tipo de inabilidade ou simplismo.

INTERPRETAÇÃO

Pelo contrário. Quando percebemos que Abraão não demonstra nenhuma reação diante da ordem divina para que imole Isaac, seu filho, temos uma série de questões colocadas pela ausência de informações. Não temos um fim, mas o início de um jogo. Para os autores bíblicos, cada fato, cada palavra torna-se um problema ou muitos problemas colocados. A resposta está contida no texto, e para encontrá-la o leitor deve mergulhar nesse mesmo texto. Ou seja, interpretá-lo. Esse na verdade é o mote da cultura hebraica e judaica que, através dos séculos, dedica-se à tarefa da interpretação, registrada em livros, que persiste até hoje. Quer dizer, os primeiros sábios hebreus e judeus sempre perceberam e praticaram isso com seus objetivos particulares. O protestante

Kier-kegaard parece ter seguido a prática ao escrever o esplêndido *Temor e tremor*, sobre o Sacrifício de Isaac. E Auerbach contribuiu para mudar a chave: a partir de então, a *Bíblia* se colocava também como literatura. Ele não diminuiu o texto bíblico, pelo contrário, ampliava seus horizontes. A denominação sofreria uma mudança significativa. Quando se fala em narrativa bíblica, fala-se aqui da *Bíblia Hebraica*, ou seja, o conjunto de textos que começa no Gênes e termina nos Escritos, deixando a denominação “Velho Testamento”, de implicação ideológica – usada pelo cristianismo, mas não pelos judeus nem para o estudo do texto hebraico e às vezes aramaico. Desse modo, o “Novo Testamento”, em grego, torna-se um conjunto literário decorrente, mas à parte.

Para termos uma idéia de como se coloca *A arte da narrativa bíblica* nessa história toda, é preciso lembrar que os estudos bíblicos também são incessantes no mundo ocidental, sobretudo nos seminários e, ainda, nas investigações sobre sua origem e estrutura, às quais se vincula a teoria das fontes. Essa teoria trata das diversas camadas que compõem o texto bíblico, com justaposição de escritos e origens diversas, às vezes aparentemente contraditórios, injustificáveis. Alter não despreza esse tipo de pesquisa, mas usa-a a fim de enriquecer suas próprias análises. Para ele, na verdade, os redatores hebreus lançavam mão dessas fontes problemáticas, provavelmente, para enfatizar a complexidade dos assuntos tratados.

Isso está bem claro no Gênes, na criação do homem, que tem duas versões. Lemos no versículo 1:27: “E Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea criou-os”. Logo em seguida,

em 2:18, ficamos sabendo que Deus conclui num monólogo, nada mais, nada menos: “Não é bom que o homem esteja só. Far-lhe-ei uma companheira frente a ele!” (*Bíblia Hebraica*). Como decidir?

O CASO DA COSTELA

Primeiro, vemos que o homem e a mulher foram criados macho e fêmea, ao que parece de modo simultâneo. Depois, temos todo o caso da costela. Em vez de apontar aí uma contradição grosseira, acúmulo de fontes díspares, Alter observa, de modo agudo, possíveis intenções a partir do confronto; como seguindo um dos princípios do rabino talmúdico Ishmael, que ensina: uma contradição entre dois textos só se resolve com um terceiro texto. É preciso buscá-lo. Quer dizer, não estamos lidando com um escrito primitivo, mas, sim, com uma elaboração literária de alta complexidade, de acordo com a grandeza dos temas em pauta. Temas e textos que continuam, em simbiose, a desafiar o leitor. Conta, sobretudo, o sentido particular em função do geral e vice-versa, de maneira labiríntica, como quando deparamos com um romance que foge às convenções habituais de unidade.

Alter vê a *Bíblia Hebraica* em sua forma-conteúdo como a expressão da revolução monoteísta e suas consequências. Tudo gira em torno de Deus, inatingível, percebido nos fatos da história que se ficcionaliza e na ficção que se torna história. Peças desenvolvidas a partir de fatos, às vezes, comprováveis passam a fazer parte de uma dinâmica ficcional, enquanto a ficção é incorporada ao trem de coisas da história. Deus permanece como verdade absoluta, o homem rola em contradições, no tormento



O sacrifício de Isaac

A *Bíblia* conta que o Altíssimo quis provar a fé de Abraão... Então lhe disse:

– “Toma Isaac, teu filho único, a quem amas, e vai ao território de Mória, e aí oferece-o em holocausto sobre um dos montes que eu te mostrar” (Id. 22, 2).

Abraão não hesitou um instante. Chamou Isaac, pôs-lhe aos ombros um feixe de lenha e, portando uma adaga, dirigiram-se para o local indicado por Deus. Chegando pois ao sítio que Deus lhe havia falado, edificou Abrahão o altar, dispôs a lenha, atou Isaac seu filho e o pôs sobre o altar acima da lenha; O adolescente nada replicou, obedecendo fielmente a seu pai. Este, levantando o braço, ia desferir com a adaga o golpe sobre a vítima, quando um anjo do Senhor o chamou pelo nome e disse-lhe da parte do Altíssimo: – “Não estendas a tua mão sobre o menino, e não lhe faças mal algum; agora conheci que temes a Deus e não perdoaste teu filho único por amor de mim” (Id. ib., 12). E vendo Abraão perto um carneiro preso a um arbusto pelos chifres, pegou-o e ofereceu-o em holocausto ao Senhor. Esse ato heróico de fidelidade ao Primeiro Mandamento – Amar a Deus sobre todas as coisas – mereceu a Abraão que Deus renovasse com ele sua aliança...



A BÍBLIA INSPIRA A ARTE
Rembrandt foi um dos muitos artistas
que pintou a célebre alegoria bíblica

Não estamos lidando com um escrito primitivo, mas, sim, com uma elaboração literária de alta complexidade

e na glória do livre-arbítrio que lhe foi concedido e com o qual raramente sabe o que fazer. Os homens surgem como elementos de aparência aleatória, embora exista o designio. O crítico, a quem não falta humor, dá um piparote em Einstein, a propósito da sua frase feita de que Deus não joga dados com o universo. Com o universo pode ser que não, mas com o ser humano sim, pois lhe concedeu a maravilhosa loucura do livre-arbítrio – o adjetivo é meu.

As repetições como recurso estilístico são evidenciadas também nas “cenas-padrão” nas quais a mesma estrutura serve de base para fatos diferentes que, no entanto, revelam correspondências. O modelo da cena de Raquel que vai buscar água no poço é análogo ao de outras heroínas bíblicas à espera do

amado, assim como a questão da esterilidade surge em cenas com indicativos de relações que, no conjunto, exigem análise conveniente, que vá para o texto, e não que fuja dele.

Será um engano pensar que Alter escreveu um livro destinado somente a especialistas. Com estilo hábil, plástico e rigoroso, livre de termos rebuscados (ele é contrário ao pedantismo crítico, e nesse sentido a obra é uma aula de estilo para quem se ocupa da matéria), o professor de Berkeley produziu uma série de estudos que se abre para a reflexão a respeito da própria cultura do Ocidente, sustentada pelo tripé greco-romano-judaico, se bem que o último nem sempre seja percebido de modo adequado. Alter corrige isso ao afirmar, na pág. 196: “A arte narrativa da Bíblia significa (...) mais

que um empreendimento estético, e aprender a ler suas modulações mais finas pode nos aproximar, com mais precisão que os conceitos amplos da história das idéias e das religiões, de uma estrutura imaginativa a cuja sombra ainda vivemos”. A dimensão estética e o prazer que ela proporciona não deve se antepor às demais dimensões dessa coleção de livros, a *Bíblia Hebraica*, mas, a partir de agora, não poderá mais ser descartada como elemento fundamental dessa fonte universal de conhecimento das origens. ©

Moacir Amâncio

é autor de *Ata* (poemas reunidos, Record), entre outros livros, jornalista e professor de língua e literatura hebraica da USP

LEIA E TENHA MAIS SEGURANÇA PARA INVESTIR NO MERCADO DE CAPITAIS.



LANÇAMENTO

Como Ganhar Dinheiro no Mercado Financeiro

Rafael Paschoarelli
Encontre o perfil de investidor adequado à sua personalidade
248 págs.



LANÇAMENTO

A História do Mercado de Capitais

Peter Bernstein
Como as idéias fundamentais da teoria das finanças se converteram em novos e vibrantes instrumentos financeiros predominantes nos mercados hoje
336 págs.



LEIA TAMBÉM O CLÁSSICO:

Desafio aos Deuses

Peter Bernstein
A história do risco, os conceitos de probabilidade, amostragem, regressão à média, teoria dos jogos e tomada de decisões com exemplos do mercado de capitais e de outras atividades humanas
408 págs.

GERENCIAMENTO DE PROJETOS, ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA: NA VOLTA ÀS AULAS APRENDA COM OS MELHORES.



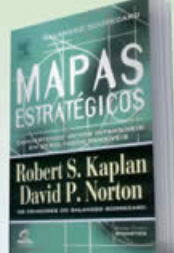
Gerência de Projetos - 3ª Edição

Kim Heldman
Conduz o leitor pelos processos em ordem lógica de modo claro e acessível para compreender tanto as partes quanto o todo
592 págs.



Planos de Negócios que Dão Certo

Andrew Zacharakis, Jeffrey A. Timmons, José Carlos Assis Dornelas & Stephen Spinelli
Abordagem prática e inovadora para redigir, adaptar, direcionar e revisar um plano de forma eficaz
208 págs.



Mapas Estratégicos Balanced Scorecard

Robert S. Kaplan David P. Norton
Aprenda a criar valor nas perspectivas de processos internos e a medir e alinhar ativos intangíveis
504 págs.

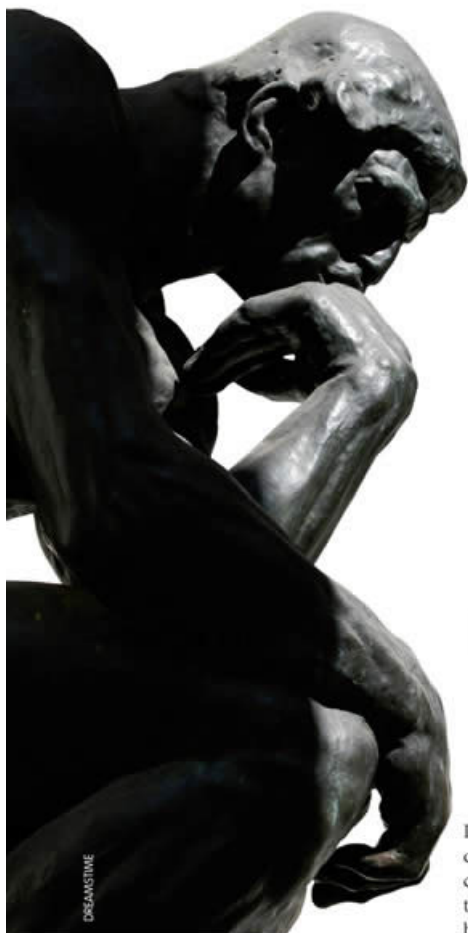


Introdução à Economia

Paul Krugman & Robin Wells
Tratamento abrangente, atual e didático que aborda os temas econômicos mais relevantes do mundo atual
864 págs.



ELSEVIER CAMPUS
WWW.CAMPUS.COM.BR



Duas boas pedidas para quem não é especialista (e também para quem é)

O que é o acaso, o destino, a verdade? São algumas questões que a filosofia procura responder. Conheça o trabalho de pensadores brasileiros que definem conceitos fundamentais para a construção do pensamento e nos ajudam na reflexão sobre praticamente tudo na vida

Heidi Strecker

Digamos que você precise saber exatamente quem foi Michel Foucault ou ter a definição correta do conceito de "intuição". Uma consulta a um simples dicionário não dá conta, e uma busca na internet demanda tempo e paciência. Além de ter resultados bastante incertos.

Nessas horas entra em cena um bom dicionário de filosofia. Não um daqueles catataus eruditos, incompreensíveis para quem não é filósofo de academia. As estantes da Livraria Cultura trazem duas ótimas publicações, pensadas para o leitor não-especializado, escritas com rigor e grande competência por professores universitários brasileiros.

O *Pequeno dicionário de filosofia contemporânea*, de Oswaldo Giacoia Junior, traz informação concentrada, capaz de levar o leitor a aprofundar-se no assunto. É um livro de bolso, com definições em linguagem clara e objetiva, abarcando conceitos, temas e autores da filosofia de hoje. Giacoia Junior é professor de Filosofia da Unicamp e doutor em Filosofia pela Universidade Livre de Berlim, autor de *Nietzsche* e de *Os labirintos da alma*.

Mais alentado, o *Dicionário básico de filosofia*, de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes, traz verbetes de toda a história da filosofia,

dos pré-socráticos a Wittgenstein. Japiassú é doutor em filosofia pela Universidade de Grenoble, França, e professor de filosofia da UFRJ, autor de *Ciência e destino humano* e *Sonho transdisciplinar e razões da filosofia*. Marcondes é doutor em filosofia pela Universidade St. Andrews, Grã-Bretanha, e professor de filosofia da PUC do Rio de Janeiro, autor de *Iniciação à história da filosofia* e *Filosofia analítica*.

QUEM FOI MICHEL FOUCAULT?

O *Pequeno dicionário de filosofia contemporânea* considera contemporâneos, para fins didáticos, os pensadores cujas obras foram publicadas a partir de meados do século 20 e também as questões, os conceitos e os campos de pesquisa que fazem parte do debate filosófico atual. Veja alguns verbetes incluídos no dicionário: *Filosofia analítica*; *Bioética*; *Rudolf Carnap*; *Desconstrução*; *Ordem*; *Paradigma*. Os verbetes trazem indicação bibliográfica sucinta e de obras de autores brasileiros sobre o assunto. Voltando à questão inicial: Quem foi Michel Foucault?

A título de exemplo, transcrevemos o verbebo do *Pequeno dicionário*, suprimindo alguns trechos, datas e nomes.

“O diálogo com as ciências e as artes, a história e a política constitui não apenas uma característica da filosofia, mas, desde as origens, uma vocação sua”

Oswaldo Giacoia Junior

Foucault, Michel 1926-1984

Filósofo, ensaísta e historiador francês; seu nome pode ser associado a um expressivo grupo de intelectuais de vanguarda e ativistas franceses que tomaram parte ativamente nos acontecimentos revolucionários de 1968. [...] Os especialistas no estudo de sua obra costumam periodizá-la em três fases: a) da arqueologia das ciências humanas [...]; b) da genealogia das formas modernas de subjetivação, a partir das práticas sociais de disciplina, adestramento e controle [...]; e c) da ética definida como cuidado de si ou, ainda, como estilística da existência [...].

• M. Foucault, *O cuidado de si, O uso dos prazeres, As palavras e as coisas, A verdade e as formas jurídicas. Vigiar e punir*.

• R. Janine Ribeiro (org.), *Recordar Foucault* (1985)

• R. Machado, *Foucault e a literatura* (2000).

(Pequeno dicionário de filosofia contemporânea)

FERRAMENTAS DA FILOSOFIA

Você pode ser levado aos dicionários de filosofia pela leitura de jornais e revistas, por uma conversa com seu advogado, para esclarecer uma passagem de um livro ou pela mais simples curiosidade. Você pode ser uma daquelas pessoas que gostam de saber tudo, como a Capitu, de Machado de Assis.

Os dicionários filosóficos são excelentes obras de consulta para ter em casa. A filosofia atualmente é disciplina obrigatória no ensino médio e uma espécie de porta de entrada para vários outros campos do saber. Como lembra Giacoia Junior, a filosofia, principalmente a filosofia contemporânea, tem enorme vocação para o diálogo com as artes, as ciências, a história e a política.

E é assim que os autores do *Dicionário básico de filosofia* definem seus propósitos essenciais: tornar o pensamento filosófico acessível aos não-especialistas, oferecendo-lhes um instrumento de trabalho capaz de ajudá-los a ter um primeiro acesso aos conceitos fundamentais da filosofia e aos mais

importantes pensadores que, de uma forma ou de outra, marcaram nossa chamada cultura ocidental.

Parece incrível, mas a filosofia constitui um campo bastante específico do saber, com objetivos próprios, métodos, conceitos e ferramentas de trabalho. Folhear um dicionário especializado torna esse universo mais vivo e mais palpável.

Folhear dicionários também pode ser uma experiência apaixonante e poética. Certos conceitos às vezes se inscrevem em uma longa história de significados tortuosos. Vinte e cinco séculos de reflexão filosófica nos desafiavam. Nossa ignorância fica a descoberto. Bem, mas isso já é uma outra história.

AFINAL, O QUE É INTUIÇÃO?

Você tem uma vaga idéia de que intuição é algum tipo de conhecimento sem garantia, que a gente tem e pronto. Só isso? Tem mais. Você acha que intuição é algum tipo de pensamento esotérico, que vem de algum lugar especial, fora das circunstâncias racionais. Será? Sendo uma pessoa intuitiva, você antecipa soluções para um problema. Afinal, dizemos que os gêmeos são intuitivos. O que diz o dicionário de filosofia?

Intuição

(lat. *intuitio*: ato de contemplar) Forma de contato direto ou imediato da mente com o real, capaz de captar sua essência de modo evidente, mas não necessitando de demonstração.

1. “Por intuição entendo... a concepção firme do espírito puro e atento, que se origina unicamente da luz da razão, e que sendo mais simples é, por conseguinte, mais segura do que a própria dedução.” (Descartes) Para Descartes, a idéia de Deus e o próprio *cogito* seriam objetos de intuição.

2. Intuição empírica: conhecimento imediato da experiência, seja externa (intuição sensível: dados dos sentidos como cores, odores, sabores etc.); seja interna (intuição psicológica: dados

psíquicos como imagens, desejos, emoções, paixões, sentimentos etc.)

3. Intuição racional: percepção de relações e apreensão dos primeiros princípios (identidade, não-contradição, terceiro excluído).

É considerada a base do conhecimento discursivo, já que este pressuporia sempre um ponto de partida não-discursivo para não ser circular.

4. Para Kant, na *Crítica da razão pura*, a intuição (*Anschauung*) pura é uma forma *a priori* da sensibilidade [...].

5. Compreensão global e instantânea de um fato ou pessoa, baseada em uma capacidade especial de discernimento (a intuição feminina, a intuição do médico ao diagnosticar etc.).

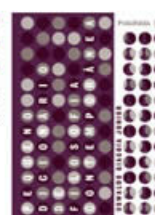
6. Sentimento súbito (*insight*) de um caminho para a solução de um problema ou da descoberta de uma relação científica. Oposto a dedução, conceito.

(Dicionário básico de filosofia)

Bem, considerando as definições 5 e 6, sua percepção não estava tão longe da tradição filosófica, não é mesmo? ☺

Indicações

Pequeno dicionário de filosofia contemporânea
Publifolha
R\$ 29,90



Dicionário básico de filosofia
Jorge Zahar
R\$ 44,00





7. Prancheta

livraria cultura

Conjunto Nacional
Av. Paulista, 2.073
01311-940 – São Paulo, SP
Tel. (11) 3170-4033
Fax (11) 3285-4457

Bourbon Shopping Country
Av. Túlio de Rose, 80
91340-110 – Porto Alegre, RS
Tel. (51) 3028-4033
Fax (51) 3021-1777

Shopping Villa-Lobos
Av. Nações Unidas, 4.777
05477-000 – São Paulo, SP
Tel. (11) 3024-3599
Fax (11) 3024-3570

Paço Alfândega
Rua Madre de Deus, s/nº
50030-110 – Recife, PE
Tel. (81) 2102-4033
Fax (81) 2102-4200

Market Place Shopping Center
Av. Dr. Chucri Zaidan, 902
04583-903 – São Paulo, SP
Tel. (11) 3474-4033
Fax (11) 3474-4099

CasaPark Shopping Center
SGCV / Sul, Lote 22
71215-100 – Brasília, DF
Tel. (61) 3410-4033
Fax (61) 3410-4099

TRANSFORME SEUS FINAIS DE SEMANA.

TRANSFORMERS™

LANÇAMENTO EM DVD!

TRANSFORMERS
single
R\$ 39,90



TRANSFORMERS
duplo
R\$ 44,90



TRANSFORMERS
HD-DVD
R\$ 99,90



PROMOÇÃO
**VOLTA
às aulas**

Compre os DVDs com o selo
da promoção e ganhe um lindo estojo!



Brinde dentro do DVD.



*Confira outros títulos participantes da Promoção Volta às aulas.

PRODUÇÕES QUE GANHARAM OSCAR. AQUI QUEM GANHA É VOCÊ.
PROCURE MUITOS OUTROS FILMES VENCEDORES NA LOJA, COM PREÇO ESPECIAL.



JERICO
A PRIMEIRA TEMPORADA

A SÉRIE DE MAIOR SUCESSO NA TV-A CABO.

LANÇAMENTO
15/02/08



OS INTOCÁVEIS
A SÉRIE
1ª temporada
R\$ 59,90
4 discos

INTOCÁVEIS



livraria cultura
ler para ser

TM & Copyright © 2007 by Paramount Pictures. Todos os Direitos Reservados. Consulte a classificação indicativa do filme.



ANTONIO

Da tua tão necessária poesia

Com Clarisse Abujamra e Ivan Abujamra

Direção: Clarisse Abujamra

10, 17 e 24 de Fevereiro (domingos), às 13h30.

Livraria Cultura Conjunto Nacional - Av. Paulista, 2073 - São Paulo

www.teatroevaherz.com.br

TEATRO EVA HERZ

Direção artística: Dan Stulbach